

CLIPPING 1º VIDEOBRASIL, 1983

(principais reportagens)

MIS promoverá festival de vídeo

Nelson Amaral

O sistema de vídeo, que perde aos poucos seu caráter de novidade entre brasileiros, começa a ser afetado por questões de produção, mercado e da falta de uma legislação que regule sua utilização. Um dos objetivos do 1.º Festival de Vídeo do Brasil, que será realizado em agosto no MIS, é justamente expor essas questões ao debate.

A promoção é da Secretaria de Estado da Cultura, com o patrocínio da Fotóptica, e o "Video Brasil" se estenderá na semana de 8 a 14 de agosto. "Nossa intenção é a de que o festival se transforme num fórum anual de discussão dos problemas da área", diz Ivan Negro Isola, diretor do Museu da Imagem e do Som. Além disso, pretende-se obter uma medida da crescente produção brasileira no setor. "Com a colaboração do Olhar Eletrônico, queremos levantar um who's who do vídeo no Brasil."

Outra questão integrada à pauta de discussões refere-se ao registro da memória da TV no Brasil — um patrimônio que vai sendo irremediavelmente destruído, segundo Ivan Isola. "Grande parte dessa memória é apagada, para reaproveitamento das fitas. A produção da TV Tupi, por exemplo, está praticamente perdida.

O Festival de Vídeo terá atrações também para os leigos. Grupos convidados realizarão uma produção que será transmitida, em suas fases de execução, por um painel de aparelhos de TV montado no Salão de Vídeo. E durante os debates será testado o sistema de televisão "mão-dupla", que permitirá ao público participar das discussões utilizando o circuito interno de recepção e transmissão instalado no MIS. As empresas que fabricam equipamentos de vídeo no Brasil montarão estandes para expor



Ivan Isola: "Preservar a memória

seus produtos. "É possível até que algum fabricante aproveite para lançar a primeira câmera nacional".

A competição de telipes estabelecerá, segundo Ivan Isola, "um confronto entre profissionais e amadores", já que poderão participar do certame também as produções comerciais de TV — desde que se enquadrem no regulamento: deverão ser realizadas originalmente em videotape VHS, U. Matic ou Beta-max, com duração máxima de 60 minutos. Os trabalhos se dividirão em quatro categorias, de acordo com sua temática: documentário/reportagem; ficção; musical; e livre para vídeos experimentais. Os telipes vencedores serão copiados e passarão a fazer parte do acervo do MIS. As inscrições podem ser feitas até o dia 5 de julho, na Galeria Fotóptica (rua Bela Cintra, 1.465). Nas fitas devem constar o título da produção, nome do autor, duração, bitola, sistema e padrão de gravação (PAL-M/NTSC).

Vídeo perde o mistério e já tem festival

Aos poucos, o vídeo deixa de ser um objeto misterioso também para os leigos. Após quatro mostras realizadas de um ano para cá (em São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro e Santos), o interesse despertado entre o público é já suficiente para merecer, uma promoção mais ampla e abrangente: começa amanhã, no Museu da Imagem e do Som, o 1.º Festival de Vídeo Brasil, para o qual se inscreveram cerca de 80 teipes, um número representativo da repercussão que essa atividade começa a alcançar entre brasileiros. A promoção é do próprio MIS, da Secretaria de Estado da Cultura, da Estética e da Rádio e Televisão Cultural. E, além da exibição dos trabalhos, o evento inclui ainda debates com especialistas, um dos quais — sobre legislação — promete levar um bom público ao auditório do museu, no dia 13.

"Acima de tudo, o que pretendemos com a realização é criar uma estrutura permanente para o escoamento da produção de vídeo no Brasil, intensificada especialmente no último ano", diz Ivan Negro Isola, diretor de MIS. "Eu costumo dizer que evento é vento, cotreção e acaba sem deixar marcas. Desta vez, queremos que fique."

Criatividade

Ivan Negro Isola acha que boa parte do material enviado ao concurso é de baixa qualidade — o que obrigou os organizadores a realizar uma pré-seleção. Em compensação, com-



Cena de "Nocturno Independente", inscrito pela TVDO



"Quem Kiss Teve" estará no Vídeo Brasil amanhã, 22 horas

parativamente ao que se faz em outros países — com mais recursos e maior experiência —, os vídeos selecionados atingem um nível bastante satisfatório: "Até porque, deixando de lado uma análise fria e objetiva, é possível detectar nos trabalhos uma série de visões e perspectivas do Brasil bastante diferenciadas. Isso é ótimo, do ponto de vista da criatividade."

Assim, ao mesmo tempo em que tomará contato com o que se faz em vídeo em termos empresariais, o público que for ao MIS nos próximos dias poderá conhecer também o trabalho dos pequenos produtores. É o caso de Godofredo Telles Neto, que compareceu ao festival com dois vídeos. O primeiro, "Além a Justiça", será apresentado amanhã — e foi rea-

lizado em conjunto com Edson Elite: focaliza duas reuniões do Conselho Superior de Censura para avaliar os filmes "Ao Sul do Meu Corpo", de Paulo César Sarraceni, e "O Rei da Vela", de José Celso Martinez Correa. O segundo, "Selene", tem exibição marcada para o dia 13; neste, que o autor classifica de "poema eletrônico", a colaboração foi de Mari Pini, e juntos fazem uma incursão à Lua.

Mesas-redondas

O 1.º Festival de Vídeo Brasil abre amanhã informalmente: às 20 horas, começa a primeira mesa-redonda de uma série de três. Sob a coordenação do jornalista Ethevaldo Siqueira, será discutido o tema "TV — Técnica e Linguagem", com a participação de Walter Clark, Walter Avancini, Ga-

brici Prioli Neto, Pigoka, Guga, Walter George Durst e Gustavo Dahl. As 22 horas, inicia-se a apresentação dos vídeos em concurso, com a exibição de "Quem Kiss Teve", da produtora independente VídeoVerso/TVDO, que inscreveu mais oito trabalhos — entre eles, no sábado, um interessante "Compacto Nocturno Independente", síntese do programa que Nelson Motta conduzia na TV Bandeirantes.

Além da exibição de vídeos em concurso — um total de 86, em 12 horas e meia de projeção — o festival inclui ainda performances, uma programação com os trabalhos não selecionados e uma mostra paralela de alguns teipes que, segundo os organizadores, "exprimem tendências importantes na produção mais recente ou que abriam novas perspectivas para outra

utilização do vídeo". Entre eles, "Glauber, Payla, Kids", de Paula Gaetan, depoimento de Glauber Rocha em Lisboa, um mês antes de sua morte, e "Já Que Ninguém Me Tirou Para Dançar", de Ana Maria Magalhães, sobre Leila Diniz.

Mercado de fitas

O ciclo de mesas-redondas prossegue no dia 16, com uma discussão sobre "Memória", coordenada por Ivan Negro Isola. O tema que deverá levantar maior polémica, no entanto, está programado para o dia 13: coordenado por Cândido José Mendes de Almeida, presidente da Associação Brasileira dos Distribuidores de Videocassetes, o debate abordará questões ainda em suspenso por falta de uma legislação que regulamente o mercado de vídeos. Entre elas, a resolução provisória aprovada pelo Conselho estabelecendo, ao lado de outras determinações, que as fitas postas em circulação pelos quase 500 videoclubs brasileiros tragam o selo da Embrafilme — prova da cederidade direitos autorais por parte dos distribuidores estrangeiros. "E as fitas que já estão circulando no mercado?", pergunta Cândido José Mendes de Almeida. "Se for preciso cumprir essa exigência, daqui a seis meses não haverá mais videoclube operando no mercado brasileiro."

A partir de amanhã, o "Acontece" estará publicando a programação completa do 1.º Festival de Vídeo Brasil, que vai até o dia 14.

Produtores discutem o vídeo

Representantes de grupos formais e informais produtores de vídeo participantes do 1.º Festival de Vídeo Brasil — entre os quais Antonio de Pádua (com um trabalho na mostra realizada com o pessoal da Microwave), José Celso Martinez Corrêa (Oficina), Fernando Meirelles (Olhar Eletrônico) e TV TVDO — estiveram ontem, na "Folha", discutindo as formas de viabilizar a criação de um circuito alternativo de exibição e o monopólio de informação exercido pela rede privada de televisão. Em toda a discussão, no mínimo um ponto convergente a TV brasileira não está, ainda, preparada para absorver a diversidade da produção independente cuja linguagem escapa à hegemonia horizontalizada das redes de televisão.

O caso de "Caderneta de Campo", vídeo inscrito na mostra oficial do Festival, produzido pelo Oficina e dirigido por Zé Celso Martinez, é exemplar. Realizado na passagem do governo, o vídeo foi gravado com equipamento da RTC, mas até agora não foi exibido pela rede estadual, que se mostrou resistente a determinados momentos da produção.

"O vídeo pode funcionar como uma espécie de telefonema social, rompendo o monopólio de informação, e uma prova disso são os teipes que documentam a situação do Oficina desde a primeira ameaça à sua extinção. Está tudo registrado e, creio, o Oficina já estaria acabado se não fossem eles", diz Zé Celso.

Antônio de Pádua lembra que 40% dos aparelhos de TV ficam desligados por desinteresse do público, e a produção independente pode ser uma alternativa. A situação atual e futura da televisão comercial permite pensar isso, concordam os independentes. O Olhar Eletrônico, prepara-se para 85, quando o Brasil lançará dois satélites destinados à implantação do dirset broadcast system. Para tanto preparam um guia de vídeo no Brasil, antevendo a eventual falta de material a ser veiculado pela televisão comercial. Zé Celso profetiza: "Estamos viven-

do os últimos tempos da televisão sem informação".

Por crédito nessa perspectiva, a TVDO radicalizou. Não mais realizará produções visando sua colocação na televisão comercial, o que fica patente em seus oito vídeos, inscritos no festival. De qualquer modo, não cortará relações com a televisão convencional. Já está envolvida num projeto ("Brasil 3000") para a Abril Vídeo, que deverá fugir dos padrões convencionalmente impostos pelos monopólios de informação. "Ser visto por 100 milhões de brasileiros pode ser utopia, mas precisamos acreditar nela".

Linguagem fragmentada, a marca no Vídeo Brasil

A primeira rodada de apresentação dos teipes em concurso do 1º Festival de Vídeo Brasil, na segunda feira, foi bem recebida pelo público bastante jovem que lotava o auditório do Museu da Imagem e do Som. O vídeo que inaugurou a mostra, "Quem Kiss Teve" — uma produção paulista da Video-Verso e da TVDO — provocou entusiasmo na platéia, que riu muito dos aspectos de paródia do teipe e aplaudiu no final.

Este "videoevento", como autodefinem os seus produtores, opera como uma desconstrução fragmentária, glauberiana (Gláuber Rocha talvez seja o verdadeiro pai desta estética do estilhaço), sobre a própria linguagem televisiva e, assim, rompe todo o tema que supostamente serviria como motivo de uma reportagem realista convencional: um videoteipe sobre a apresentação em São Paulo do grupo de rock "Kiss". Há também um processo de aproximação entre o Kiss e seus descendentes fanáticos brasileiros, através de uma grande confusão linguística: como se fossem papagaios do rock'n roll, os adolescentes brasileiros que foram ao show sabiam pronunciar em inglês (ruim, é claro) as letras das músicas do Kiss, mas não sabiam o significado das palavras.

O segundo tape que foi bastante aplaudido, "Chico Antônio, O Herói Com Caráter", produzido por Eduardo Escorel e Tele Cine Maruim. Através dele tomamos contato com o

cantador de cocos nordestino Chico Antônio que, há mais de 60 anos, impressionou profundamente Mário de Andrade. Em 79 descobriu-se que ele ainda estava vivo, e no teipe ele rememora seus encontros com o autor de "Macunaíma". Aqui, apesar da narrativa mais documental, também se explora a potencialidade do vídeo, realizando um encontro das imagens gravadas de Chico Antônio no sertão da Paraíba, emocionadíssimo Antônio Bento — filho do proprietário do engenho onde o cantor morava e o responsável pelo contato entre Chico e Mário de Andrade.

Finalmente, "Abra a Jaula", produzido por Uzina, Edson Elito e Gofredo Telles Netto, que se autodefine como uma "luta do cinema brasileiro pela liberdade de expressão e de impressão", também contou com a simpatia geral do público. Operando também com as técnicas modernas do fragmento e da citação, ele narra todo o processo de liberação dos filmes "O Rei da Vela", do Oficina, e "Ao Sul do Meu Corpo", de Paulo Cesar Serraceni, na Censura Federal em Brasília. No vídeo, em certo momento, Zé Celso lê didaticamente um dispositivo da época do governo Médici que disciplina o uso de símbolos nacionais. O vídeo tem pelo menos uma passagem antológica: a intervenção de Zé Celso Martinez Correa na reunião do Conselho Superior de Censura, em Brasília.

É hora de avaliar a televisão

É como se estivéssemos diante de um aparelho de televisão: no debate realizado segunda-feira no auditório do MIS, na abertura do 1º Festival Vídeo-Brasil, cada um dos debatedores (Gabriel Priolli Neto, crítico de "Veja"; David Haw, presidente da Associação Brasileira de Teleprodutoras Independentes; Walter George Durst, escritor e autor de telenovela; Gustavo Dahl, cineasta; Walter Clark, ex-diretor da Globo e Bandeirantes; Pipoka, diretor e produtor de TV; Walter Avancini, diretor; e o jornalista Ethevaldo Siqueira) tinha sua retórica e sua mensagem; cada um, um problema a abordar.

No geral, os profissionais de TV mostravam-se menos otimistas do que os demais participantes da mesa em relação à TV convencional.

Pequena babel, o debate demonstrou que são inúmeras as maneiras de ver o fenômeno TV, quase todas oportunas mas abrangendo níveis diferentes de experiência. Mostrou também a oportunidade do evento promovido pelo MIS e pela Secretaria de Cultura do Estado: como disse Walter George Durst, "em TV tudo se passa e tem de ser

resolvido a 200 quilômetros por hora". E o entendimento do fenômeno também. Na arte de desprezar a TV nos mostramos mestres durante 30 anos. Parece ter chegado o momento (e a afluência de público ao auditório do MIS o demonstra) de — também a 200 quilômetros por hora — sair em sua perseguição.

Se na segunda-feira ainda se percebeu certa dispersão de enfoques e preocupações, é menos por incapacidade de organizadores ou debatedores de se entenderem a respeito do tema originalmente proposto (Técnica e Linguagem) que pela necessidade de começar a articulação a nível teórico de mais de 30 anos de experiência de TV. Oportuno, esse evento, que — espera-se — deveria se transformar numa preocupação permanente, nos lembra, inclusive pelo seu êxito, que num momento em que o País atravessa uma crise mastodôntica a cultura se torna, mais que nunca, questão prioritária: por ela passa a sobrevivência do Brasil como nação ou a hipótese, esperemos pessimista, de retorno a um estágio colonial por pura e simples incompetência de suas elites (e não só econômicas). I.A.



Hoje no MIS, "Garotos do Subúrbio", produzido pela Olhar Eletrônico

1º Festival de Vídeo Brasil termina hoje

"Garotos do Subúrbio", programa de 45 minutos de duração produzido pela Olhar Eletrônico, encerra hoje, a partir das 22 horas, no Museu da Imagem e do Som (avenida Europa, 158), o Primeiro Festival de Vídeo Brasil. Piloto da série "Projeto Juventude", que a Olhar está oferecendo a emissoras independentes e redes de televisão, o programa fala da expectativa de uma geração que se considera o produto de uma sociedade que não deu certo. Faz uma viagem que vai desde a colocação de ideais filosóficos até uma abordagem pessoal e individual de alguns garotos.

Também será exibido hoje o programa infantil "Lápis Maluco", inédito, produzido pelo Estúdio Sérgio Tastaldi, em convênio com a Rádio-brás. Segundo Tastaldi, criador e produtor do programa, "é um trabalho dedicado às crianças, tratando-as com o respeito que merecem".

"Lápis Maluco" estreará em programação regular no próximo dia 5

de setembro, na TV Nacional de Brasília, indo ao ar diariamente com meia hora de duração. Único programa infantil em concurso no Festival de Vídeo, conta as aventuras de um artista maluco que, em seu ateliê, convive fantásticamente com bonecos e outros personagens, entre eles o bicho-de-goiaba.

Engajado numa campanha para que estudantes de comunicação e artes participem de seu projeto infantil, o Estúdio Sérgio Tastaldi está aceitando colaborações como contos, músicas, desenhos e criações de bonecos.

Além desses, serão exibidos hoje "Plano: Sequência", abordando relações de poder e repressão, produzido por Fernando Severo; "Mo-cidade Independente", compacto do programa da TV Bandeirantes, produzido por TVDO; e "A Dama do Pacaembu", produzido por Rita Moreira e Wisa Leal, mostrando uma mendiga que fala sobre sua moradia.

Entidade fiscalizará vídeo

A discussão em torno dos direitos autorais para cópias e distribuição de fitas de videocassete parece começar a ter contornos mais definidos através da organização de entidades que defendam os titulares dos direitos autorais, organizadas em torno da Embrafilme (que pela lei será a entidade encarregada de fiscalizar a distribuição dos cassetes, e a repressão aos "piratas").

Ontem foi fundada no Rio de Janeiro a União Brasileira de Vídeo, associação civil, sem fins lucrativos, constituída por diversas empresas que já atuam ou pretendem atuar no mercado nacional do videocassete. A primeira assembleia da entidade elegeu um comitê-diretor provisório, constituído por Paulo Aragão (Renato Aragão Produções), Steve Sobot (Associação Brasileira de Cinema) e Steve Murphy (Civideo), além de Roberto Mendes (Globovi-

deo) e Aureliano Machado, da Embrafilme).

Em setores não tão organizados do mercado de videocassete, há temores de que a organização signifique a imposição de leis do mercado americano sobre o nascente mercado brasileiro, e persiste o temor que essa organização faça uso da Embrafilme em sentido repressivo contra os pequenos Videoclubes, que formaram grandes acervos de filmes com cópias doadas por seus sócios, mas que não têm certificados de qualquer espécie.

Essas questões não foram levantadas na primeira reunião da entidade, que no entanto saudou a recente resolução nº 97 do Concine, proposta pela Embrafilme "que finalmente cria condições para a legalização do mercado de videocassetes". Entre os sócios fundadores da nova entidade, várias afiliadas nacionais de grandes monopólios da comunicação.

Festival indica os rumos do vídeo

JOÃO CLODOMIRO DO CABMO

Quarta-feira, 17 de agosto de 1983. 200 pessoas passaram pelo salão de exposições do Museu de Imagem e do Som. Era o 1.º Festival de Vídeo Brasil. Nos dois dias instalados no país, 26 vídeos foram exibidos, com temas que variaram desde as perdas das periferias de São Paulo até os quadros-quadros dos descomulgados e a tentativa de manipulação dos resultados eleitorais no Rio de Janeiro, nos eleições de novembro, quando Leonel Brizola quase viu sua vitória escapar das mãos, devido a um programa de computador elaborando especificamente para fechar votos, segundo os na lista dos seniores e meios.

Entre as expectativas, muitas ações, incluindo as de organização, jornalistas e cineastas. O vídeo ocupou espaço, transformou-se em cultura e abriu uma discussão sobre as possibilidades de produção descentralizadas, enquanto permitiu a população das comunicações estatais para as ações de televisão.

Outra inovação do Vídeo Brasil foi a promoção conjunta de um organismo estatal, a Secretaria de Cultura, com uma empresa privada, a Fotopica. A Fotopica garante o custeio de toda a infraestrutura do Festival enquanto a Secretaria de Cultura realiza o espaço do Museu de Imagem e do Som.

Para os organizadores do Festival, essa foi a primeira oportunidade de reunir todos os realizadores de vídeo de Brasil. "O primeiro e maior maior do que o que estamos esperando", diz Ivan Sérgio Ieda, diretor de MIB. "Além das produções, o público está a nível de informações e as mesas acabaram sendo talvez o espaço quanto as produções."

Os principais debates giraram em torno da técnica e linguagem em vídeo, economia da televisão e legislação, entre outros usando da briga entre cineastas e jornalistas, e entre estes e as distribuidoras, que sempre ocuparam a distribuição de vi-

Na primeira grande mostra da produção independente, predominaram os trabalhos com uma visão crítica, como Caderneta de Campo, de Zé Celso, que obteve o Grande Prêmio do Júri. Marly Normal, 1.º lugar, é brilhante pela exploração dos recursos eletrônicos.



"Arquitetura", o computador nos edifícios. Acima, "Marly Normal", 1.º lugar.

decastantes no Brasil. A discussão sobre economia acabou não acontecendo. A presença do jornalista Fernando Pacheco Jordão só se transformou a questão em um protesto de diversas entidades presentes contra o voto do Conselho Curativo da TV Cultura ao projeto de TV democrática, defendido por Pacheco Jordão, caso seu nome fosse confirmado para a superintendência do Canal 2.

Segundo Ieda, o protesto levou de novo o Festival ao representativo das ações da sociedade por uma nova TV: "A sociedade tem que lutar por uma televisão descentralizada. O Conselho precisa reconsiderar sua instituição."

Thomas Parkas, diretor de Fotopica,

também achou o Festival um sucesso, mas lamentou que a linguagem não tenha registrado a riqueza de sua empresa na produção do evento. "A revista Infol publicou uma bela matéria sobre o Festival, mas sem uma única linha indicando a Fotopica como promotora do evento. Há um certo preconceito na imprensa contra a empresa privada patrocinando eventos culturais."

Semana que vem começa em novo Festival de Vídeo. Novas produções, novas discussões sobre linguagem, breves e o conflito entre a produção independente e o monopólio das emissoras. A elaboração do processo de modernização brasileiro não começa ao final da noite e da imagem grande em fita magnética.



Exibe "A sociedade precisa lutar por uma televisão democrática."

A câmera já consegue ver além do umbigo

Uma importante constatação pode ser tirada do Festival de Vídeo Brasil: os videomakers brasileiros já ultrapassaram a fase do deslumbramento com seu equipamento de vídeo caseiro, e a câmera está atenta à realidade em vídeo. Nas primeiras dias do vídeo, os artistas estavam tão fascinados com o aparelho que não conseguiam fazer a distinção de pensar antes e depois gravando e desligando seu próprio pé.

Zé Celso mereceu com justiça o Grande Prêmio do Júri, com seu provocativo "Caderneta de Campo", onde as situações em vídeo são jogadas desordenadamente, misturando assuntos aparentemente tão distantes como a cultura, os movimentos sociais e a luta específica pela sobrevivência do espaço urbano representado pelo Teatro Ulicianu.

O primeiro prêmio também foi recebido por Marly Normal e o vídeo focadamente realizado, brilhante, que desce sobre a linguagem adequada e atinge fortemente todos os recursos eletrônicos pela edição eletrônica. O resultado está imperdível. Logo na frente como se costuma. O modelo recente segue obtido por Arquitetura não se justifica. A produção tem

devidas técnicas existentes, técnicas inovadoras mas é importante registrar tudo de Brasil sobre os eventos das novas tecnologias no desenvolvimento do governo de cultura. A vitória de Brizola apoiada por um programa de computador e um vídeo para os movimentos organizados e tecnologia não é progressista por si mesma e pode ser manipulada para preceder de outros congressos, inclusive regulares multilaterais. A sociedade brasileira não deve essas questões, mas os membros do júri do Festival poderiam ter sido a possibilidade de votar a importância desse debate.

JCC

Zé Celso quer vídeo agindo nos movimentos populares

"O Teatro Oficina ainda está em pé por causa do vídeo". Para o irrequieto Zé Celso Martinez o vídeo deve influir na realidade modificando-a, e não apenas como registro dos acontecimentos. "Quando o Conselho Superior de Censura se reuniu pela segunda vez, para discutir a liberação do Rei da Vela, mostramos um vídeo com o registro da reunião anterior. Essa exibição foi crucial para a liberação do filme".

Zé Celso já trabalha com vídeo há muito tempo. Em 1975, enquanto ainda estava exilado em Portugal, sua câmera já estava atenta à Revolução dos Cravos. Seu primeiro vídeo documentou a invasão de um clube de classe média por ciganos que moravam em uma favela de Lisboa. Depois, em Moçambique, o vídeo foi temporariamente abandonado pelo cinema. O 25 é dessa época, um registro do esforço revolucionário do povo moçambicano.

De volta ao Brasil, Zé Celso viu o espaço do Teatro Oficina ameaçado pelo Grupo Silvio Santos, e o vídeo imediatamente integrado à luta. Primeiro com um humilde equipamento de rolo, cedido pelo Museu de Arte Contemporânea. Depois, com câmeras e gravadores próprios, adquiridos com os resultados de um show beneficente para a compra do Teatro ameaçado.

"O que nós observamos foi que havia um discurso invisível, que não estava sendo captado pela televisão e pela grande imprensa. Mesmo os movimentos sociais só serão registrados enquanto espetáculo, nunca como um espelho da realidade". Segundo Zé Celso, e esse discurso invisível que sua câmera está captando. "Alguns reclamam que em Caderneta de Campo diversas informações são jogadas desordenadamente, misturando cultura, movimento sociais e a luta do Oficina. Mas tudo está misturado na vida real e a luta do Oficina acontece ao mesmo tempo que os quebra-quebras dos desempregados. E os trabalhadores da cultura são tão marginalizados quanto os desempregados." Ele acha que o Festival de Vídeo



Caderneta de Campo é um painel lúcido de contradições

Júri foi correto nas premiações

Os resultados do Festival de Vídeo Brasil revelaram o bom senso do júri. Os trabalhos oriundos de produtoras profissionais receberam prêmios, mas a preferência dos jurados foi nitidamente para os realizadores que não dispunham de equipes profissionalizadas. O conjunto de trabalhos da equipe TVDO recebeu o prêmio de comercialização dos vídeos produzidos.

Grande Prêmio do Júri: Caderneta de Campo (duração 60'), produção Uzina/Noilton Nunes/Zé Celso/Edson Ekito.

Prêmios

1.º: Marty Normal (6') produção Olhar Eletrônico

2.º: Garotos de subúrbio (punk), (42') produção Olhar Eletrônico

3.º: Arquite-se, (40') Produção Guy van de Beuque/Ângela Mascclani

4.º: Frau (17'51'') Produção Vídeo Verso/TVDO

5.º: A Dama do Pacaembu (36') Produção Rita Moreira e M. Luisa Leal

6.º: B de Brasil (45') Produção Sequência Produtores Associados

7.º: Selene (13') Produção Gofredo Telles/Mari Pihl

8.º: Quem Kiss teve (28'37'') Produção Vídeo Verso/TVDO

9.º: Chico Antônio, o Herói com caráter (408) Produção Tele Cine Maruim/Eduardo Escorel

10.º: Brasília (3') Produção Olhar Eletrônico/Fernando Meirelles

aconteceu no momento certo, quando começa uma eferescência, um desejo de produzir em muitos lugares diferentes. "Foi um Festival simples,

mas que reuniu pessoas de todo o Brasil. Pela primeira vez se discutiu a possibilidade de se criar um circuito nacional exibidor alternativo."

Festival Vídeo/84 em debate

Tudo ainda está praticamente por fazer em termos de produção alternativa de vídeo, no Brasil. Ao menos foi essa a conclusão a que chegaram os vencedores do 1º Festival de Vídeo Brasil, reunidos ontem, no Museu da Imagem e do Som, com os organizadores e patrocinadores da mostra. O encontro serviu para analisar os resultados do evento, encerrado na semana que passou e promovido pela Fotóptica e MIS, com o apoio das empresas Sharp, Sony e Mac.

Principal conclusão a respeito do festival: a necessidade de uma reestruturação na mostra, a partir de sua transformação em feira, onde os produtores alternativos de vídeo mantenham contato com as 22 emissoras independentes e as ligadas ao broadcast convencional, para colocar essa produção ao alcance de um público que até agora ignora o que se faz na área.

A sugestão foi feita pelo produtor independente Tadeu Jungle, um dos realizadores do vídeo premiado em oitavo lugar no festival, "Quem Kiss Teve", um documentário sobre a passagem do conjunto de rock pelo Brasil feito através da Videoverso/TV TVDO, que também sugeriu, para o próximo festival, a transmissão de toda a programação para circuito fechado de TV e a constituição de um júri popular, além da instituição de cursos em áreas específicas por profissionais.

Houve quem sugerisse, também, a transformação do festival em simples mostra aberta a todos os interessados, inclusive fora do eixo Rio-São Paulo, como Tadeu Jungle. Os independentes, ou alternativos, pretendem, inclusive, a partir dessa amostragem, conseguir a adesão de produtores de outros Estados para enfrentar a resistência que a televisão comercial tem em relação ao vídeo produzido ainda em esquema "guerrilheiro".

Numa iniciativa das produtoras Olhar Eletrônico e TV TVDO, está sendo implantado um circuito paralelo experimental, o Vídeo Brasil, um espaço alternativo para a exibição da produção "guerrilheira". Eles entraram em contato com salas exibidoras e querem obter o apoio dos fabricantes de equipamentos.

Produções para conquistar esse espaço, ao que parece, não faltam. Só o Festival da Fotóptica reuniu nada menos do que 80 delas, entre as quais o polêmico vídeo "Caderneta de Campo", produzido pela Uzyna (ex-Oficina e dirigido por Noilton Nunes, Zé Celso Martinez Correa, Edson Elito e Catherine Hirsch (grande prêmio da mostra).

A partir desse festival, a Fotóptica decidiu, também, agilizar projetos na área de vídeo e, segundo revelação do seu vice-presidente Henrique de Macedo Neto, três deles serão ativados brevemente: a criação de um videoclube, para distribuição de produções alternativas e filmes nacionais; um programa especial na televisão comercial dedicado ao VT independente, patrocinados por empresas ligadas à Fotóptica e, finalmente, a criação de uma sala de exibição especial para veicular essa produção. Thomas Farkas, presidente da empresa, considera que, a partir do festival, todos esses projetos se tornaram viáveis, "por causa do alto nível das produções".

Participaram do encontro de ontem, além das pessoas já citadas, o diretor do MIS, Ivan Negro Isola, os organizadores do festival Solange Oliveira, Heloisa Vidigal e Marcos Gaiarsa, e os realizadores premiados, Noilton Nunes, Edson Elito, Zé Celso Martinez Corrêa, e as equipes das produtoras independentes Olhar Eletrônico, TV TVDO e Vídeo-Verso.

O "I Festival de Vídeo do Brasil" será em agosto no MIS

O sistema de vídeo, que perde aos poucos seu caráter de novidade entre brasileiros, começa a ser afetado por questões de produção, mercado e da falta de uma legislação que regulamente sua utilização. Um dos objetivos do "I.º Festival de Vídeo do Brasil", que será realizado em agosto no MIS, é justamente expor essas questões ao debate — numa programação que inclui competição de "tapes", exibição de videocassetes e a realização de uma feira de equipamentos e acessórios.

A promoção é da Secretaria de Estado da Cultura, com o patrocínio da "Eotópica", e o "Vídeo Brasil" se estenderá na semana de 8 a 14 de agosto. "Nossa intenção é a de que o festival se transforme num fórum anual de discussão dos problemas da área", diz Ivan Negro Isola, diretor do Museu da Imagem e do Som. Além disso, pretende-se obter uma medida da crescente produção brasileira no setor, através do cadastramento e catalogação dos produtores, independentes ou ligados a empresas. "Com a colaboração do "Olhar Eletrônico", queremos levantar um "Quem é quem" do vídeo no Brasil."

Outra questão integrada à pauta de discussão refere-se ao registro da memória da TV no Brasil — um patrimônio que vai sendo irremediavelmente destruído, segundo Ivan Isola. "Grande parte dessa memória é apagada diariamente, para reaproveitamento das fitas. A produção da TV Tupi, por exemplo, está praticamente perdida, por falta de manutenção."

O "Festival de Vídeo" terá atrações

também para os leigos. Grupos convidados realizarão uma produção que será transmitida, em suas fases de execução, por um painel de aparelhos de TV, montado no Salão de Vídeo. Durante os debates será testado o sistema de televisão "mão-dupla", que permitirá ao público participar das discussões utilizando o circuito interno de recepção e transmissão instalado no MIS. As empresas que fabricam equipamentos de vídeo no Brasil montarão estandes para expor seus produtos. "É possível até que algum fabricante aproveite o festival para lançar a primeira câmera produzida no Brasil", diz o diretor do museu.

A competição de "tapes" estabelecerá, segundo Ivan Isola, "um confronto entre profissionais e amadores". Já que poderão participar do certame também as produções comerciais de TV — desde que se enquadrem no regulamento: deverão ser realizadas originalmente em "video-tape" VHS, U. Matic ou Betamax, com duração máxima de 60 minutos. Os trabalhos se dividirão em quatro categorias, de acordo com sua temática: documentário/reportagem; ficção; musical; e livre para todas as experimentações ligadas a vídeo; vídeo-experimental, vídeo-arte; etc. Os "tapes" vencedores serão copiados e passarão a fazer parte do acervo do MIS, segundo decisão da comissão julgadora, cujos membros serão escolhidos até o dia 30 deste mês. As inscrições podem ser feitas até o dia 5 de julho, na "Galeria Fotóptica" (rua Bela Cintra, 1465). Nas fitas devem constar o título da produção, nome do autor, duração, bitola, sistema e padrão de gravação (PAL-M/NTSC).

Festival do Vídeo prossegue hoje no MIS

Com a exibição de mais cinco produções em "tape" e com a realização de uma mesa de debates abordando o tema "Memória de TV", prossegue hoje, no Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158), o "I Festival do Vídeo Brasil", evento que a Secretaria de Estado da Cultura está promovendo desde o início da semana e que se encerrará no domingo, dia 14.

A programação desta quarta-feira inicia-se às 15 horas, com a exibição de várias produções em vídeo, que serão apresentadas fora de competição. Os dez trabalhos mostrados hoje, com duração média de vinte minutos, tratam de temas diversos, como trabalhos de artesãos, política, folclore, arte, religião.

Memória da TV

O papel do "tape" na preservação da

história da televisão brasileira, as formas e métodos a serem adotados neste trabalho de conservação são os pontos principais que serão discutidos hoje, a partir, das 20 horas, no MIS, pelos participantes da mesa de debates "memória de TV".

Mostra oficial

A grande atração de hoje, no entanto, fica para às 22 horas, com a mostra oficial de "tapes" em competição no "I Festival de Vídeo Brasil". Serão exibidos: "Arquive-se", de Guy Van de Beuque e Angela Masceiani; "Neo: the electric message", de Roberto Elizabetsky; "Barra pesada n.º 8", da Mandari Produções; "Minhas férias", de Jorge Grinspum; e "Selene" de Gofredo Teles e Nari Pini.

Uma semana para o vídeo brasileiro

Há muito que discutir. E mais ainda a mostrar do vídeo feito no Brasil. Esta é a proposta de uma atividade conjunta entre o Museu da Imagem e do Som e a Fotóptica, que de 8 a 14 de agosto promovem o 1º Festival de Vídeo do Brasil, aberto a todos os que produzem seus programas, dos amadores às estações comerciais de televisão.

"A iniciativa se justifica pelo crescimento do vídeo no Brasil. Primeiro, temos a idéia de mensurar essa produção — por isto o festival é aberto a todos. Depois, há mil temas a discutir, a começar por um que é muito complicado, a própria legislação do videocassete." Ivan Negro Isola, diretor do MIS, admite que a potencialidade cultural da televisão pode aumentar na medida da descentralização da legislação e, neste ponto, a importância cultural do videocassete deve ser lembrada pelos participantes.

É certo que os interesses do MIS e da Fotóptica acabaram coincidindo para a realização do "Vídeo Brasil". Há necessidade de se mostrar essa produção — as inscrições vão até dia 5 de julho — e catalogá-la, fazendo-se uma espécie do *Who's Who* do vídeo brasileiro. Há, oficialmente, quatro categorias em que podem ser apresentados os vídeos (do-

cumentário-reportagem, ficção, musical e outra livre para todas as experimentações, podendo aí serem incluídas as manifestações de vídeo-arte). "Haverá a parte competitiva da mostra, com prêmios que serão definidos no próximo dia 30, assim como o júri dessa premiação, que queremos bastante aberto, pois esperamos manifestações de todas as tendências." Ivan Isola também prevê a mostra a produções que dificilmente poderiam participar de uma mostra competitiva, uma vez que além da limitação dos programas a um máximo de 60 minutos de duração há experiências realizadas por grupos em Rio Claro, Niterói e Diadema, que fazem programas com os eventos da própria cidade. "Seria injusto enquadrá-los nesta mostra competitiva. E como eles, há outros vídeos que mereceriam ser apresentados mesmo fora no festival."

Um dos esquemas paralelos ao festival é a participação das empresas que atuam no mercado de videocassete. Ivan Negro Isola tem esperança, por exemplo, de que as câmaras nacionais sejam finalmente lançadas, quem sabe no próprio MIS, pois até hoje elas são contrabandeadas. "Seria um ótimo evento. De qualquer maneira, as empresas vão ocupar o segundo andar do MIS —

que será reformado esta semana, pois está num estado muito ruim, especialmente depois das últimas chuvas, que nos obrigaram a suspender a programação normal — em sets com seus produtos, mas participando, também, de uma experiência importante: faremos uma experiência com a televisão de 'mão dupla'. Isto é, quem estiver nesses sets também poderá participar dos debates. Esta experiência é importante para todo a televisão, a 'outra' parte também deve intervir."

Há uma preocupação com o "Vídeo Brasil" que o diretor do MIS ressalta: é preciso uma política de preservação da memória e uma das mesas-redondas do festival será exatamente sobre esse tema. "Quanto já se perdeu da história da televisão brasileira, por exemplo? Uma das funções do videocassete é esta e neste panorama todos devem estar enquadrados." Outras mesas previstas são "Relação Cinema e TV", "Perspectivas Futuras para o Vídeo", uma específica sobre a tecnologia no setor, e, se possível, um painel que desenvolva o tema do relacionamento da criança com o vídeo. "Estas são idéias. A pretensão não é pequena, mas é importante que a produção brasileira esteja aqui, seja no aspecto de qualidade como no de quantidade."



No MIS, um festival aberto a todas as manifestações dos produtores de vídeo no Brasil



"Quem Kiss Teve" e "Eraú", dois dos tapes que participam do primeiro festival de vídeo

Vídeo no seu primeiro festival

O Museu da Imagem e do Som (avenida Europa, 158) recebe, a partir de amanhã até o dia 14 o I Festival de Vídeo Brasil, numa realização da Secretaria de Estado da Cultura, da Fotóptica, da Rádio e Televisão Cultural e do próprio museu. Segundo o diretor do MIS, Ivan Isoia, o festival tem a perspectiva de atualização da memória nacional, trabalho que o museu vem realizando já algum tempo. "Paralelamente ao festival faremos um levantamento do que acontece no universo do vídeo e discutiremos como vamos construir a memória do futuro, além de recuperar a do passado."

O programa "Quem Kiss Teve", sob a direção de Tadeu Jungle, é um dos primeiros tapes a ser exibido. Amanhã, às 22 horas, na Sala do Vídeo um musical popular de rock and roll. A vinda do conjunto Kiss para o Brasil e sua performance no Morumbi. Uma abordagem do acontecimento, com o outro lado: os cam-

bistas, os vendedores ambulantes, o policiamento e os roqueiros de todas as cores. Ainda serão exibidos mais de 90 tapes de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Curitiba. Diversos grupos (VideoVerso, Teatro Oficina, Edson Elito, Otávio Donaschi) realizarão uma produção que será transmitida, ao mesmo tempo em que for feita, por um painel de aparelhos de televisão montado no Salão de Vídeo.

Haverá ainda programações paralelas como as três mesas-redondas já programadas. A primeira, que acontece amanhã, "Técnica e Linguagem", contará com a participação de Walter Avancini, Walter Clark, Gabriel Priolli Neto, Walter George Durst e Carlos Rebesco. Quarta-feira, "Memória", com Helena Silveira, Antônio Augusto Arantes, Fernando Pacheco Jordão, Guilherme Araújo e Edna Palatinich; e sábado, "Legislação", com Walter Moreira Salles, Fernando Melrelles,

Luis Carlos Barreto, Valter Silveira e Alberto Flakman. Todas as mesas acontecerão às 20 horas e durante os debates será testado o sistema de televisão mão dupla, permitindo aos frequentadores do Vídeo Brasil participar das discussões, utilizando o circuito interno de recepção e transmissão que será instalado no MIS.

No final do I Festival de Vídeo Brasil serão escolhidos os melhores tapes, que receberão alguns dos seguintes prêmios: participação no Festival de Munique, em 1984, contrato de comercialização e distribuição no País pela MAC (indústria nacional de fitas videocassetes), veiculação da TV Cultura e muitos outros. Fazem parte do júri que selecionará os vencedores: Carilto Maia, José Joffily, Cândido José Mendes de Almeida, Roberto Talma, Cláudio Petraglia, Fábio Magalhães, Fernando Barbosa Lima, Nilton Travesso, entre outros.



Da videomania para uma linguagem alternativa

Grandes emissoras de televisão, grandes distribuidores de cinema e teleprodutores independentes, um momento: é hora de trégua. Podem sair dos guetos nos quais permaneceram tanto tempo isolados na luta pelo mercado do que já é chamado de videomania. O videocassete está entre nós à procura de um lugar próprio e definitivo, mas oferecendo desde já espaço para todos. O I Festival de Vídeo Brasil, que aconteceu esta semana no Museu da Imagem e do Som, é um exemplo da existência deste espaço. A prova real foi a presença maciça de público, que prestigiou a exibição dos quase 90 teipes, além das mostras paralelas, mesas-redondas e performances.

Vídeo Brasil foi pensado para ser muito mais do que um festival efêmero. A iniciativa se justificou pelo crescimento do vídeo no Brasil. Segundo Ivan Negro Isola, diretor do MIS, o momento exige estruturas permanentes para a produção e distribuição de cultura e novos meios têm condições de engessar novos signos, materializando um pouco da utopia possível. "Enfim, fazer com que na aldeia global a aldeia possa dialogar com a própria aldeia, com as aldeias, com o globo, falando com o seu sotaque e com todos os sotaques em direct broadcasting system, em narrowcast, tv de mão dupla, interativa."

Uma iniciativa que promete acontecer novamente no próximo ano, mas preocupando-se sempre em não passar a imagem de que os videocassetes vão-se constituir na "mí-

dia do século". Um exagero promocional que resulta do deslumbramento diante da maquininha, nova, semelhante ao que se disse anos atrás, ao atribuir ao super-8 um papel de agente democratizador do cinema. Hoje, Ivan Isola pressente no burburinho do festival a mesma desordem que antecede algo de mais organizado. "Nesta busca desvalrada de uma forma de expressão, e foram tantas as que por aqui passaram, a gente pode perceber uma série de tendências que vão exprimir a importância de toda uma geração, desde que haja condições de instrumentalizar os potenciais dos produtores".

O nível dos programas apresentados foi outro ponto positivo do evento. E uma das conclusões mais importantes é a de que existe hoje um grande número de produtores independentes dispostos a se reunir como classe e a usar todos os tipos de pressões para fazer das emissoras comerciais a principal destinatária de seus programas, sem esquecer de ampliar o circuito alternativo de exibição dos videoprogramas.

A Olhar Eletrônico é uma produtora de vídeo-teipe que se dedica à prestação de serviços (documentários institucionais, programa de treinamento de empresas, documentação de exposição, vídeos de propaganda) e à realização de programas para a televisão. Eles concorreram neste festival com os vídeos "Sprayart", "Tempos", "Marly Normal" e "Garotos do Subúrbio". Segundo Marcelo Machado, um de seus

integrantes, a proposta de Olhar é construir a televisão do terceiro milênio. "Uma televisão que esteja na mão de todos, que não monopoliza, centrada no homem e destinada ao homem. Um veículo que não impeça o contato homem a homem, que não crie a manipulação da informação. A produção independente permite a livre expressão. Na hora de gravar, aparecemos sem carregar marca, o que permite um contato maior entre o entrevistado e entrevistador."

A TVDO (Ney Marcondes, Paulo Prioli, Tadeu Jungie e Walter da Silva Silveira) concorreu com "Quem Kiss Teve", "Teleshow de Bola" e "Frau". O grupo formou-se em 1980 dentro da Eca. Um ano depois, produziu e dirigiu o "Mocidade Independente", juntamente com Nelson Motta, na Rede Bandetrantes, e implantaram o programa "90 Minutos" na mesma emissora. Atualmente, com a produtora instalada e funcionando, partem para novas experiências junto à televisão comercial e para a criação de um circuito alternativo de televisão.

Os três programas que participaram do festival foram gravados em menos de 24 horas, com produção irrelevante. Para Tadeu Jungie, a grande força destes vídeos é o seu caráter agressivo jornalisticamente e orgânico quanto ao seu modo de produção: "São todos programas com muito humor, expresso através de uma linguagem visual fragmentada, unida por trilhas sonoras fortes. A nossa linguagem é mais próxima do telespectador, pois é feita de gar-

ra, prazer e sempre livre na busca do emocional da situação, não ficando preso à necessidade de se realizar o roteiro predeterminado, mas estando sempre alerta a tudo que acontece oriundo da ação inicial. É chegada a hora do bárbaro tecnizado oswaldiano. Somos a quarta geração da televisão brasileira e somos nós que faremos a televisão do terceiro milênio".

"Cá do lado de lá", um vídeo de Antônio de Pádua que propõe reflexão sobre o estado em que se encontra a televisão brasileira. "Uma proposta de produção e de linguagem independente, alternativa, política, pessoal. Produção com economia de meios, mas com criatividade. Linguagem sem padrão rígido, com espontaneidade, improvisação, liberdade de criação e de crítica. Se o videocassete vai representar uma saída, isto é outra discussão, complexa e mais abrangente." Outro grupo, um terceiro caminho de se tornar eletrônico, resistente cultural. Um grupo que utiliza o vídeo como arma, o Uzyna. Edson Elito no teipe "Abra a jaula", feito especialmente para a liberação de "O Rei da Vela", de Zé Celso e Noliton, argumenta: "não existe um compromisso com a linguagem neste caso específico, mas somente uma forma de mostrar os fatos, de registrar as contradições, o que também é função do vídeo". Que se registre então esse fenômeno e uma linguagem que está aí para ser estudada, trabalhada. No momento, ainda sem formas específicas, mas aberta a numerosas soluções.

Vídeo enquanto memória nacional

O cavaleiro do Apocalipse passou segunda-feira à noite pelas ruas do Jardim Europa. Um homem vestido de negro, montado em um cavalo branco, cavalgou tranqüilo, assustando alguns, surpreendendo a outros. Afinal, onde deveria existir uma cabeça havia um aparelho de TV ligado. À sua volta, alguns "discípulos" carregavam toda a parafernália eletrônica. Utilizando a linguagem do videoteatro, criada por Otávio Donasci, o cavaleiro-negro foi a performance que abriu o I Festival do Vídeo Brasil no Museu da Imagem e do Som (avenida Europa, 158), que prossegue hoje às 20 horas, com uma mesa-redonda sobre o tema "Vídeo e a memória do País", além da exibição de várias produções em vídeo, a partir das 15 horas, e a mostra oficial, às 22 horas.

Logo na entrada do MIS, algumas surpresas que permanecerão no local até domingo: seis vídeos instalação, projetados por Ney Marcondes, Paulo Priólli, Tadeu Jungle, Walter Silveira, são realizadas pela Vídeo Verso — Vídeo Fish, Vídeo Chicken, Vídeo Lareira, Ratão VT, Fone Vídeo e Frizer Vídeo. O objetivo final: mostrar a televisão como um elemento integrado na vida das pessoas, na forma de paródia de relações — objeto, imagem e situação. Segundo um dos criadores, Ney Marcondes, estas "loucuras" eletrônicas

não podem ser comparadas com as do oriental Nan June Paik, que há anos dedica parte de seu tempo às vídeo-performances: "O que fizemos é até uma coisa bem brasileirinha, humilde. Pretendemos apenas mostrar idéias simples, que fazem parte do cotidiano. A graça está, justamente, no impacto, criar outra visão em torno do eletrodoméstico, no caso, a TV".

"Técnica a Linguagem" foi o tema da primeira mesa-redonda que aconteceu no festival. Vídeo como linguagem, o contraponto entre o formato tradicional de TV, a estética de videotape, o espaço para veiculação de uma nova linguagem devido



"Teleshov", da Vídeo Verso

ao surgimento de novas tecnologias e o fascínio por técnicas sofisticadas de produção e sua influência em termos de linguagem e mercado foram alguns dos assuntos debatidos por Walter Clark, Walter Avancini, Walter George Durst e outros. Para hoje, o papel do teipe na preservação da história da televisão brasileira, as formas e métodos a serem adotados nesse trabalho de conservação são os pontos principais que serão discutidos. Este segundo encontro terá a participação de Helena Silveira, Antônio Augusto Arantes Neto, de Edna Palatnik e Luís Geraldo de Barros.

A programação de hoje, no entanto, começa às 15 horas, com a exibição de várias produções em vídeo, que serão apresentadas fora de competição. Os dez trabalhos mostrados hoje, com duração média de 20 minutos, tratam de temas diversos, como trabalhos de artesãos, política, folclore, arte e religião.

Mas a grande atração de hoje fica para a mostra oficial de teipes em competição no I Festival de Vídeo Brasil, quando serão exibidos "Arquive-se", de Guy Van de Beuque e Ângela Mascelani; "Neon: the electric message", de Roberto Elizabetsky; "Barra Pesada N° 8, da Manduri Produções; "Minhas Férias", de Jorge Grinspum, e "Selene", de Gofredo Teles e Maria Pini.

“Gang 90”, o vídeo de hoje no MIS

O vídeo como canal de expressão alternativo está às vésperas de completar 20 anos. Depois que o coreano June Nam Palk adquiriu o primeiro aparelho portátil, em parceria com o engenheiro japonês Shuye Abe, fez diabruras com arte e tecnologia. Estavam abertas as portas para esse novo mídia em qualquer salão ou museu contemporâneo. O Museu da Imagem e do Som (avenida Europa, 1.578), pela segunda vez organiza um Festival Vídeo de porte. O primeiro aconteceu em 1980 e reuniu dezenas de artistas do Brasil e do Exterior. Há uma semana acontece o segundo, totalmente dedicado à produção nacional, não mais ligado somente ao videocarte, mas aberto a todas as linguagens que usam esse canal como suporte. Para hoje, às 20 horas, está programado o vídeo “Gang 90”, sobre o conjunto de música *new-wave*, que atualmente está nas paradas de sucesso com a música “Louco Amor”, tema da novela do mesmo nome.

Antes da descoberta do vídeo, o Super-8 era a alternativa preferida de vários artistas para registrar som e imagem. Apesar das novas descobertas tecnológicas, ele ainda atrai muitos profissionais. Em Caracas, acontece atualmente a segunda jornada do VIII Festival Internacional de Super-8, com a participação de 15 países entre eles o Brasil. Ontem, depois da oficina dirigida pelo venezuelano German Carreno sobre “A câmera e suas possibilidades” e da retrospectiva do festival Ann Arbor, foram projetados os filmes: *Kupidus vernalis*, de Rafael Straga, da Venezuela; *Exit*, de Willy Kempeneers, da Bélgica; *Miss Amnésia*, de Javier Herman, da Argentina; *Il Corvo*, de Paolo Zoppi e Paolo Castelletti, da Itália e *Mal Way to Heaven*, de Alex Husel, do Canadá.

Os premiados do Vídeo Brasil

O I Festival de Vídeo Brasil, que aconteceu na semana passada, no Museu de Imagem e do Som, premiou no último domingo o telpe “Caderneta de Campo”, do pessoal do Uzyna — ensaios dos trabalhos de teatro, cinema e televisão do Oficina — com o Grande Prêmio do Juri Já o Prêmio Comercialização Mac, conquistado pela TVDO, permitirá a colocação no mercado de videocassetes de um conjunto de telpes realizado pelo grupo, formado por Tadeu Jungle, Ney Marcondes, Paulo Priolli e Walter da Silva Silveira.

O primeiro lugar coube ao telpe “Marilyn Normal”, da Olhar Eletrônico, que conquistou assim a sua participação no Festival de Vídeo em Berlim e Munique, no próximo ano. “Garotos do Subúrbio”, também da Olhar Eletrônico, um programa que aborda a visão do mundo dos jovens pertencentes ao movimento punk em São Paulo, obteve o segundo lugar. Outros premiados foram “Frau”, da TVDO (3º lugar); “Arquive-se”, de Guy Van de Beuque e Angela Mascialani, documentário sobre a tentativa de fraude nas eleições do Rio de Janeiro (4º lugar); A “A Dama do Pacaembu”, de Rita Moreira e Wisa Leal, retrato do Brasil visto por uma mendiga (5º lugar); “Brasil, Paula Z”, de Carlos Ebert e Gustavo Hadba, trajetória de uma funcionária pública até um cárcere de segurança máxima (6º lugar); “Selene”, de Golfredo Telles e Mari Pini, videopoema (7º lugar); “Quem Kiss Teve”, da TVDO (8º lugar); “Chico Antônio, o Herói com Caráter”, do Tele Cine Maruim (9º lugar), e “Brasília”, da Olhar Eletrônica (10º lugar).



“Quem Kiss teve”, premiado



Ivan Isola Negro,
do MIS, e Abrão Berman,
da Video-Ação Super 8.

Dois festivais para divulgar o que se produz em vídeo no Brasil

E a mania dos festivais chega também ao videocassete. Com intenções, projetos e espaços diferentes, mas com o objetivo único de divulgar a produção que se realiza no Brasil, dois deles abriram suas inscrições numa quase coincidência de datas. O 1º Festival de Vídeo do Brasil, uma promoção do Museu da Imagem e do Som e da Fotóptica, aceita trabalhos até cinco de julho. E o 1º Festival Nacional de Vídeo-Concurso de Produções Independentes em Vídeo-tape, promovido pela Video-Ação Super 8, Museu de Arte Contemporânea da USP e Sesc, recebe as inscrições até primeiro de agosto.

Plenário eletrônico

Diante do crescente interesse pelo vídeo e da constatação de um número significativo de produções, surgiu a idéia e o projeto de realização do 1º Festival de Vídeo do Brasil. Ivan Isola Negro, diretor do MIS, afirma que a promoção terá caráter permanente, repetindo-se anualmente, e será uma espécie de fórum onde se poderá avaliar a produção brasileira do setor.

Nesta sua primeira edição, por exemplo, além da parte competitiva em que podem inscrever-se amadores e profissionais, haverá uma série de mesas-redondas para discutir temas como a preservação da memória nacional através de meios eletrônicos, e a relação entre cinema e tevê, a legislação em vigor e as perspectivas futuras para o vídeo e suas implicações sociológicas e tecnológicas.

E não é só. Durante o evento haverá projeções paralelas para exibir produções que signifiquem alternativas para a utilização e aplicação do videocassete. Até mesmo realizações ao vivo, uma espécie de **video-performance**, estarão acontecendo durante o período do Festival.

Junto a tudo isso, haverá ainda uma feira reunindo os fabricantes do setor. Ali, aparelhos serão demonstrados ao público e, provavelmente, o primeiro equipamento completo de videocassete (incluindo a câmera) brasileiro será lançado.

Obrigações

Abrão Berman, diretor da Video-Ação Super 8, organizador de festivais de cinema super 8 há dez anos, diz que a promoção do 1º Festival Nacional do Vídeo — Concurso de Produções Independentes em vídeo-tape é uma espécie de obrigação. Nos últimos três anos mais de 300 alunos passaram por seu curso e hoje estão produzindo trabalhos que não encontram espaço para divulgação. Só isso já justificaria o evento.

Dentro do mesmo projeto de um evento mais popular, esse Festival não se limitará a um único endereço. As produções serão apresentadas no Sesc-Vila Nova, no MAC-USP e na Video-Ação Super 8.

Como participar

1º Festival de Vídeo do Brasil — de 8 a 14 de agosto, no MIS. Inscrições até 5 de julho na Fotóptica (rua Bela Cintra, 1465, fone 852-2609). As produções podem ser em VHS, Betamax ou U-Matic, em padrão de cor Pal-M OU NTSC, com a duração máxima de 60 minutos. Os participantes podem ser amadores, profissionais, empresas ou grupos e devem obedecer a quatro categorias: documentário/reportagem, ficção, musical e livre (vídeo experimental, videoarte, etc.). A relação de prêmios e a comissão julgadora serão divulgados no dia 30 de junho, mas Ivan Isola Negro garante que estes serão escolhidos entre as várias correntes de opinião existentes e serão representantes não só do setor como de outras áreas culturais, desde que sensíveis ao novo meio.

1º Festival Nacional de Vídeo-Concurso de Produções Independentes em Vídeo-tape — de 24 a 27 de agosto. Inscrições na Video-Ação Super 8 (rua Estados Unidos, 2240, fone 852-1704), MAC-USP (Edifício Biennial, 3º andar, Parque Ibirapuera, fone 544-2511), e Sesc Vila Nova (rua Dr. Vila Nova, 245, fone 256-2322). Aceita produções em formato VHS, Betamax e U-Matic, com ou sem som, em preto e branco ou cor (Pal-M, NTSC e Secam e Pal-M linha, sendo que nos dois últimos padrões o concorrente deverá ceder o equipamento para a exibição). Todos devem estar gravados na velocidade padrão de duas horas. Não há tema nem categoria, podendo participar qualquer tipo de produção desde que a duração máxima seja de 30 minutos e a mínima de cinco (para filmes experimentais o tempo limite é de 20 minutos). Cada participante pode inscrever até três vídeos, que já podem ter sido apresentados e premiados em outros festivais, mas deverão ser inéditos em São Paulo. Os prêmios ainda não estão definidos, mas serão cinco, entregues aos melhores, independente de gênero, tema, tipo e duração. Além disso, haverá ainda mais cinco menções honrosas.



Walter Clark: tesa polémica.

VÍDEO

A produção nacional, em debate.

Não só a produção,
mas também a distribuição
foram debatidas na
abertura do Festival
de Vídeo Brasil.

A certa altura do debate que inaugurou o Festival de Vídeo Brasil, no MIS, Walter Clark, um profissional que conhece os labirintos da tevê e do cinema, foi incisivo. Para ele, assim que as produções nacionais de videocassete começarem a ser significativas, não resta muita dúvida que os atuais videoclubes e locadoras funcionarão, ao mesmo tempo, como um canal de distribuição, mas também como elementos reguladores e, de certa forma, definidores do estilo dessas produções.

A tese, polémica, não foi levada muito adiante, especialmente porque apontava para uma situação futura e que permite, no momento, poucas especulações. Enquanto persistir o uso que se faz do videocassete pela maioria de seus consumidores atuais, tudo leva a acreditar alta dose de razão a Walter Clark. Dificilmente qualquer produção que não fosse antes um sucesso ou de bilheteria, e no caso a fita seria um subproduto, ou de audiência num canal de tevê teria chances de ser comercializada de alguma maneira. E isso sem falar no lascivo legislativo que impera sobre o assunto (aliás, tema daquele que promete ser o mais movimentado debate, sábado, às 20 horas, no próprio MIS, av. Europa, 150).

Enquanto esse futuro não chega, aos produtores independentes, e especialmente aqueles que operam com formatos considerados amadores — o VHS e Beta —, a exibição de suas fitas continua difícil. Quando acontece, elas nunca têm um caráter comercial, não implicando nenhuns pagamentos. Suas apresentações se dão, na maioria das vezes, em festivais, em circuitos alternativos ou em eventos esporádicos e que ocorrem ao sabor da programação dos espaços culturais de São Paulo. O público é sempre ávido e prestigioso, e que permite aos autores experiências dos mais diferentes naves, sempre fora dos padrões da tevê convencional.

Mas enquanto funcionam bem como estímulo a uma espécie de celebração tribal, dificilmente esses tapes estariam entre aqueles que os videoclubes e locadoras escolheriam, hoje, para oferecer aos seus clientes. E, então, por sua vez, mais preocupados em usar o vídeo como cinema e ver os últimos lançamentos comerciais, certamente não os colocariam em suas listas de preferências. Daí o raciocínio de Walter Clark: para se entrar nesse circuito é mais ou menos inevitável a sujeição a um gosto, a uma certa "complicidade", como preferiu Walter Avancini, do mercado que, no caso, é regulado pelas empresas e clubes de vídeo.

Mas nem tudo chega a ser desanimador para os pequenos produtores. Uma notícia deve continuar a motivá-los. No seu programa que será apresentado todas as sextas-feiras pela tevê Gazeta, Goulart de Andrade estará abrindo um espaço especial para a produção amadora e independente. Sem censura, sem cortes. O público é que aprovará, ou não, mantendo-se no mesmo canal, ou girando o seletor.



"Quem Kiss Teve", que será apresentado segunda às 22h.

"Fila x Flu. Al Jesus", vídeo de Renato Ferreira e Oscar Maron.

O que o Brasil faz em vídeo? Este festival vai mostrar.

É o Festival de Vídeo Brasil, que começa segunda-feira, no MIS, mostrando produções e promovendo debates e ainda uma feira de equipamentos.

Segunda-feira, às 18 horas, saindo de um ponto qualquer, um insólito cavaleiro começará a percorrer a avenida Paulista. Corpe coberto por um manto negro, monitor de tevê acoplado à cabeça, gravador de videocassete e alto-falante junto ao estribo e rédeas e uma flamejante espada na mão, Otávio Donasci, um videator, irá representando gestualmente as imagens reproduzidas no vídeo e que falam da angústia contemporânea. Na sua romaria, esse estranho cavaleiro do apocalipse ainda descerá a rua Augusta, avenida Europa e chegará ao MIS (av. Europa, 158) onde anunciará, não o final dos tempos, mas a abertura oficial do Festival de Vídeo Brasil promovido pelo próprio Museu, Secretaria de Estado da Cultura, Rádio e Televisão Cultural e Fotóptica.

Dalí em diante, o Festival — que segue até domingo — não será assim tão vanguardístico. Não que o vídeo performático esteja aliado do evento. Ao contrário: entre 17 e 23 horas, durante toda a semana ele se fará presente na sua multiplicidade de formas e manifestações. Mas a maior produção a ser apresentada será mesmo um tanto mais prosaica: documentários, ficção, experimentos de linguagem que serão exibidos ao público, concorrendo a prêmios ou participando de mostras paralelas, fora do concurso (veja programação ao final).

Número surpreendente

No total, até sábado, incluindo o número imprevisível de performances, serão apresentadas cerca de 90 produções, um número que surpreende os próprios promotores. Organizado para ser uma primeira amostragem da produção brasileira atual, o Festival recebeu a inscrição de 79 fitas, num total de 33 horas gravadas, o que

obrigou um júri prévio selecionar as que participariam em caráter competitivo e as que integrariam a programação paralela. Concorrendo, permaneceram 36 teipes, com um total de 12 horas e 20 minutos, repartidos para apresentação durante os seis dias (segunda, quarta e sábado, às 22 horas, e terça, quinta e sexta, às 20 horas).

Diante do material inscrito, esse júri também se viu obrigado a abolir a idéia de categorias como ficção, documentário, pois as produções ou não se enquadravam facilmente nas classificações ou algumas destas ficavam praticamente sem participantes, enquanto outras eram sobrecarregadas. Assim, as fitas passaram a ser classificadas por bitola: 3/4 e 1/2 polegada. Cada uma delas terá cinco prêmios, enquanto para o grande prêmio do Festival não haverá qualquer tipo de distinção, sendo eleito o melhor vídeo, independente de sua técnica e tema.

Ao mesmo tempo em que promete uma disputa acirrada, tornando difícil trabalho de um júri extenso e eclético e repartindo a simpatia do público, o Festival do Vídeo Brasil também se apresenta como uma amostragem do que se produz hoje, em vídeo, no Brasil, especialmente fora dos padrões convencionais da tevê comercial. Mas não são só esses trabalhos de videomakers, de produtoras independentes, que procuram fugir dos limites padronizados do vídeo, que se farão representar. Produções feitas com o olho voltado para a circulação através dos canais existentes também estão no programa, concorrendo ou não às premiações mas oferecendo ao público as inúmeras possibilidades que começam a ser descobertas e executadas pelos brasileiros.

Assim é que, durante a semana, poderão ser vistos teipes que

exibem, por exemplo, a última entrevista de Nelson Rodrigues (Fila x Flu. Al Jesus, de Renato Ferreira e Oscar Maron), o já exibido, na TV Record, Barra Pesada, sobre a pirataria em Santos (produção da Manduri), a decisão do campeonato paulista de 82, da perspectiva do torcedor (Teleshôw de Bola, da VídeoVerso/TVDO), um programa infantil (Lápis Maluco 1 e 2, do Estúdio Sérgio Tastaldi), um documentário sobre o neon como meio artístico (Neon: The Electric Message, de Roberto Elizabetsky), o já famoso Garotos de Subúrbio, sobre os punks paulistas (produção Olhar Eletrônico) e dezenas de outros títulos entre inéditos ou já exibidos nos circuitos alternativos da cidade.

Para que o Festival não seja apenas um espaço passivo, três mesas de debates foram programadas. A nova linguagem e as técnicas do vídeo, suas implicações sociais, estarão sendo discutidas por Ethevaldo Siqueira, Gabriel Priolli Netto, Walter Clark, Pipoka, Guga, Walter George Durst, Gustavo Dahl e Walter Avancini, segunda-feira, às 20 horas.

Quarta-feira, mesmo horário, o tema "Memória da Tevê" terá como debatedores Ivan Negro Isola, Helena Silveira, Fernando Pacheco Jordão, Edna Palatnik, Nazareth Albino, Luiz Geraldo de Barros e Antônio Augusto Arantes. E, finalmente, no sábado, também às 20 horas, se discutirá a atual legislação vigente sobre a nova tecnologia e suas produções. Os participantes serão Cândido Mendes de Almeida, Jorge Pelegrino, Aníbal Massaine, Fernando Mariane, Walter Moreira Salles, Luís Carlos Barreto, Fernando Meirelles e Walter Silveira.

Durante todo o período do Festival haverá ainda uma feira de equipamentos e acessórios de ví-

deo com a participação da Sharp, Sony, Polyvox e MAC.

A programação

Segunda-feira, 20 horas, debate sobre o tema "TV — Linguagem e Técnica". As 22 horas, projeção dos teipes em competição.

Terça-feira, 15 horas, mostra de teipes fora de concurso. As 20 horas, projeção dos teipes em concurso. As 22 horas, Mostra Paralela de teipes especiais (Voando com os Pés no Chão, de José Joffilly, vencedor do Festival Carioca de Vídeo e Glauber, Payla, Kids, de Paula Gaetan, com um depoimento de Glauber Rocha pouco antes de sua morte).

Quarta-feira, 15 horas, mostra de teipes fora do concurso. As 20 horas, debate sobre a "Memória da TV". As 22 horas, projeção dos teipes em concurso.

Quinta-feira, 15 horas, mostra de teipes fora do concurso. As 20 horas, teipes em concurso e, às 22 horas, Mostra Paralela com Já Que Ninguém Me Tira para Dançar, de Ana Maria Magalhães, com diversos depoimentos sobre Leila Diniz, dez anos após sua morte e Glauber Rocha Especial, da TV Bandeirantes e Paula Gaetan, primeira parte.

Sexta-feira, 15 horas, mostra de teipes fora do concurso. As 20 horas, teipes em concurso e, às 22 horas, Mostra Paralela com Beijo Ardente/Overdose, da Olho Mágico Produções, trechos de um longa-metragem em vídeo produzido no Rio Grande do Sul e Glauber Rocha Especial, segunda parte.

Sábado, 16 horas, mostra de teipes fora de concurso. As 20 horas, debate sobre legislação e, às 22 horas, teipes em concurso.

Domingo, 16 horas, mostra de teipes fora de concurso. As 19 horas, encerramento, premiação e exibição dos vencedores.

Festival de Vídeo terá transmissão pela RTC

O I Festival de Vídeo Brasil será inteiramente documentado pela Rádio e Televisão Cultura, que ainda transmitirá, em data a ser marcada, pelo Canal 2, os teipes premiados. A RTC é uma das promotoras do encontro, que começou ontem, junto com a Secretaria de Estado da Cultura, Fotóptica e MIS — Museu da Imagem e do Som. O festival que conta com o apoio das empresas MAC, Sharp, Polivox e Sony está se desenvolvendo na sede do MIS — avenida Europa, 158 — e termina no próximo domingo, com entrada franca.

Para este dia, o programa é o seguinte: 15 horas — mostra de teipes fora do concurso; 20 horas — mostra de teipes inscritos; e 22 horas — mostra paralela. Os "teipes" inscritos: "Morte no Pantanal" (TV Bandeirantes); "Na Falta de um Super-Plá Salta uma Coca-Cola" (Sandra Conti); "Brasil, Paula Z" (Carlos A. Ebert-Gustavo Hadba), "Fla x

Flu, aí Jesus" (Renato Ferreira-Oscar Maron); "Sequência Dois" (Dulce Quental); "Erau" (Video Verso-TVDO).

MUNIQUE

Os prêmios incluem um modelo da câmera nacional que está sendo lançada pela Sharp, um conjunto de som, vídeo-games, um processador micrologico, fitas virgens, assinaturas de revistas especializadas em vídeo e uma passagem de ida e volta para o Festival de Vídeo em Munique, Alemanha Ocidental, marcado para o primeiro semestre de 1984.

Paralelamente ao festival estão sendo feitas mesas-redondas, também no MIS, com participação de nomes expressivos do mundo do vídeo. Ontem, o tema debatido foi "Técnica e Linguagem", amanhã, será "Memória" (referente ao processo de arquivamento de fitas) e, dia 13, "Legislação do Vídeo".

O terceiro programa do Festival de Vídeo

Com a exibição de mais cinco produções em "tape" e com a realização de uma mesa de debates abordando o tema "Memória de TV", prossegue hoje, no Museu da Imagem e do Som (Av. Europa, 158), o I Festival de Vídeo Brasil, evento que a Secretaria de Estado da Cultura está promovendo desde o início da semana e que se encerrará no domingo.

A programação deste dia inicia-se às 15 horas, com a exibição de várias produções em vídeo, que serão apresentadas fora de competição. Os dez trabalhos mostrados hoje, com duração média de 20 minutos, tratam de temas diversos, como trabalhos de artesãos, política, folclore, arte e religião.

MEMÓRIA DA TV

O papel do "tape" na preservação da história da televisão brasileira, as formas e métodos a serem adotados neste trabalho de conservação são os pontos principais que serão discutidos hoje, a partir das 20 horas, no MIS, pelos participantes da mesa de debates "Memória de TV". O encontro, que faz parte da programação oficial do I Festival de Vídeo Brasil terá a participação da crítica de TV, Helena Silveira; do jornalista Fernando Pacheco Jordão; do presidente do Condephaat, prof. Antônio Augusto Arantes Neto; e de Edna Palatnik (TV Globo), Nazareth Albino (TV Manchete) e Luís Geraldo de Barros (TV Bandeirantes).

MOSTRA OFICIAL

A grande atração de hoje, no entanto, fica para às 22 horas, com a mostra oficial de "tapes" em competição no I Festival de Vídeo Brasil. Serão exibidos "Arquive-se", de Guy Van de Beuque e Angela Mascelani; "Neon: The Electric Message", de Roberto Elizabetsky; "Barra Pesada n.º 8", da Manduri Produções; "Minhas Férias", de Jorge Grinspum; e "Selene", de Gofredo Teles e Mari Pini. Os vencedores do I Festival de Vídeo Brasil serão conhecidos no domingo, às 19 horas, na sessão de encerramento do evento.

MIS e Fotóptica organizam o 1.º Festival de Vídeo Brasil

Pela primeira vez no País, um evento reunirá a níveis de competição e cadastramento, toda a produção brasileira de vídeo. Isso acontecerá no "1.º Festival de Vídeo Brasil", que a Fotóptica e a Secretaria de Estado da Cultura, através do Museu da Imagem e do Som, promoverão de 8 a 14 de agosto no MIS (av. Europa, 158).

Além da competição de "tapes", exibição de produção significativas realizadas em videocassete e de uma feira de equipamentos e acessórios específicos para a área, o "Vídeo Brasil" promoverá a reunião daqueles que se dedicam a este tipo de manifestação artística para discussão de problemas e temas de interesse relativos a seu campo de atuação. Legislação, relação cinema e TV, perspectivas futuras para o vídeo e registro da memória da TV no Brasil, são alguns dos temas básicos que serão discutidos neste encontro. Diversos grupos serão convidados a realizar uma produção que será transmitida, ao mesmo tempo em que for sendo feita, por um painel de aparelhos de TV montado no salão de vídeo.

INSCRIÇÕES

Produtores que trabalhem com "tapes", interessados em participar do "1.º Festival de Vídeo Brasil" podem se inscrever até cinco próximo, na Galeria Fotóptica, à rua Bela Cintra, 1463 (tel. 852-2009). Nas fitas devem constar o

título da produção, nome do autor, duração, bitola, sistema e padrão de gravação (PAL-M/NTSC). Poderão participar somente produções realizadas originalmente em "vídeo-tape" VHS, U. Matie ou Betamax, com duração máxima de 60 minutos.

Os trabalhos deverão ser inscritos em quatro categorias, segundo sua temática: documentário-reportagem, ficção, musical e livre — para todas as experimentações ligadas a vídeo, vídeo experimental, vídeo arte, etc. Os "tapes" vencedores serão copiados e passarão a fazer parte do acervo do Museu da Imagem e do Som. A relação de prêmios e os componentes da comissão julgadora serão anunciados no próximo dia 30.

TV MÃO DUPLA

Outra experiência interessante será desenvolvida dentro do "1.º Festival de Vídeo Brasil": durante a realização dos debates, será testado o sistema de televisão mão dupla, permitindo aos frequentadores do festival participar das discussões, usando o circuito interno de recepção e de transmissão que será instalado no MIS. O Museu da Imagem e do Som e os organizadores do "Vídeo Brasil" pretendem ainda elaborar um catálogo, a partir desta promoção, que contenha um mapeamento geral de tudo o que se refere a vídeo no País, atualizável anualmente após a realização de cada festival.

Produções nacionais vão competir no 1º Festival de Vídeo do Brasil.

A Secretaria da Cultura, através do MIS (Museu da Imagem e do Som) e da RTC, e a Fotóptica, vão promover de 8 a 14 de agosto no MIS, à avenida Europa, 158, o I Festival de Vídeo do Brasil.

O evento reunirá, produções brasileiras a nível de competição e vai apresentar uma programação paralela que constará de mesa redonda sobre assuntos de interesse do setor, como técnica, linguagem, memória e legislação, além de produções performativas.

Entre os participantes de mesas-redondas destacam-se Walter Avancini, Gustavo Dahl, Tatá (Globotec), Gabriel Priolli Netto, Ethevaldo Siqueira, Walter George Durst, Helena Silveira e outros nomes da Comunicação.

Aos vencedores do Festival estão reservados muitos prêmios de grande valor profissional, entre os quais a participação no Festival de Munique e um contrato de comercialização e distribuição no País.

VTX da Nobel presente no Festival de Vídeo Brasil

O VTX, o canal de videotexto da Livraria Nobel, também está presente no I Festival de Vídeo Brasil. Sendo um dos líderes da audiência na atual fase de implantação do Videotexto, o VTX estará presente, particularmente, com um de seus serviços: A ARTE ON LINE, que reúne 18 artistas de estilos e propostas diversas, sendo que, cada um, exporá 5 telas no vídeo.

Além disso, estarão expostos também 8 painéis fotográficos e 40 desenhos que deram origem às páginas que foram inseridas no A ARTE ON LINE.

O I Festival de Vídeo Brasil é uma manifestação conjunta da indústria e prestadores de serviço, que têm, em

comum, a utilização do vídeo. Haverá também um concurso de tapes e mostra paralela de tapes consagrados.

Acontecerá no Museu da Imagem e do Som — Av. Europa, 158, a partir de hoje e até 14 de agosto, todos os dias, das 17 às 23 horas.

É uma promoção do Museu da Imagem e do Som, Rádio e Televisão Cultura, Secretaria de Estado da Cultura e Fotóptica.

Maiores informações sobre o videotexto com Mário Marcelo de Lemos — editor do VTX, ou com Eugênio Foganholo Neto — Marketing Videotexto, pelo tel.: 857-9444 (ramal 215).

I Festival de Vídeo começa segunda no MIS

Tem início, na próxima segunda-feira, no Museu de Arte de São Paulo, o I Festival de Vídeo Brasil, promovido pelo MIS, Fundação e Secretaria do Estado de Cultura, com apoio da Rádio e Televisão Cultura. Além das exposições dos vídeos inscritos — mais de 80 de todo o País — estão programados debates sobre o tema, produções performáticas, uma feira de equipamentos e publicações especializadas e a exposição *30 Anos de TV no Brasil*.

Os trabalhos inscritos percorrem os mais variados temas, que vão desde um didático e técnico ensinamento de como cozer uma marga, em *Que Margarina*, de Ruth Moreira e grupo, até o registro da vinda do conjunto Kiss ao Brasil, captado pelas objetivas do *Plátano*, que comparece com mais quatro trabalhos.

A *Uzyna*, de Zé Celso, está representada com três vídeos: *O Bude Que Canta*, a história e vida do Teatro Oficina; *Caderneta de Campo*, ensaios dos trabalhos de teatro, cinema e televisão do grupo, nos estúdios da TV Cultura; e *Abe e Jaula*, sobre a luta do cinema brasileiro pela liberdade de expressão e de impressão. A produtora independente Olhar Eletrônico, participa também com diversos trabalhos, entre eles, *Garotos do Subúrbio*, sobre os punks, e *Elavrogomez*, uma visão emocional de Sete Quedas.

Entre os temas políticos, figuram um documentário sobre a tentativa de fraude nas elei-

ções do Rio de Janeiro, envolvendo o hoje governador Leonel Brizola — *Arquivado*, de Guy Van de Beque e Angela Marcelani, e *Saudade a Camisa*, de Pascoal Mauro e Ruth Singer, sobre a campanha política de Franco Montoro em 82. Destaque também pra o trabalho *Glauber Paulo e Kati*, um depoimento de Glauber Rocha em Lisboa, um mês antes de sua morte.

Além dos vídeos independentes, concorrem também trabalhos da TV Comercial. A Bandei-

ras, por exemplo, participa com o documentário *Morte ao Passado*, que levanta os problemas da chacina de jazirás, a importância das autoridades para combater o contrabando e a organização dos fazendeiros da região para impedir essa caça ilegal.

A fase de pré-seleção dos vídeos ocorreu nesta semana, por um júri composto por profissionais do setor e representantes do meio cultu-

ral. Os trabalhos selecionados concorrem em quatro categorias (documentário, ficção, reportagem e gênero experimental) a prêmios que vão desde equipamentos de som e imagem, participação no Festival de Munique, em 84, até a vinculação na Rádio e Televisão Cultura.

Programação

A abertura do evento acontece na segunda-feira, dia 8 às 20h, com a mesa-redonda *TV, Teoria e Linguagem*. O debate será realizado em sala fechada e transmitido pelo circuito interno de recepção e transmitido permitindo aos frequentadores participarem das discussões. Logo após, às 22h, início da projeção dos vídeos selecionados. Na terça, às 20h, a exibição dos selecionados, e às 22h, a apresentação dos já desclassificados. O mesmo se repete na quinta e sexta-feira.

Na quarta, às 20h, o tema em debate será a *Memória da TV*. Após o encerramento, a continuação da exibição dos trabalhos. A *Legislação* será discutida no sábado, também às 20h. No domingo, às 19h, exibição dos vídeos vencedores e entrega dos prêmios. Paralelamente ao Festival, serão realizadas performances, através do Videoverso, Teatro Oficina, Edison Elito e Outros Demais. Também será montada a exposição *30 Anos de TV do Brasil*.



Zé Celso com três produções e Olhar Eletrônico com vídeo de Sete Quedas

Censura abala o I Festival de Vídeo

O I Festival de Vídeo Brasil, promovido pelo MIS, Secretarias Estadual e Municipal de Cultura, teve, na noite de quinta-feira, além da apresentação muito aplaudida do *tape* do Oficina, *Caderneta de Campo*, o prosseguimento de fatos envolvendo censura e negociação. Continua, assim, acirrada a tentativa — e mobilização contrária — de federalização das TVs educativas, incluindo-se aí a assembléia de solidariedade (ocorrida quarta à noite) ao jornalista Fernando Pacheco Jordão, que teve vetado seu nome ao cargo de coordenador de programação da RTC. E a censura, de Brasília, requisitou o *tape* *Programa do Ratoão*, produzido pela TV/ECA, que reeditou o *Escla-*

recimentos sobre tóxicos, da Educativa da USP.

Não é para menos. A pretensão do festival de divulgar a produção de vídeo independente, somou-se, inevitavelmente, a agressividade de implantação da nova mídia (vídeo-texto, *videogames*) no mercado. Isso gera problemas, já que se mexe com um meio de comunicação de massas.

No caso RTC versus MEC, o debate *Memória da TV*, na quarta à noite, reuniu entidades e sindicatos (jornalistas, artistas, OAB, ABI, Associação Paulista de Cineastas — Apaci), para segundo o diretor do MIS, Ivan Negro Isola, referendar o

Projeto de TV Democrática, exposto na ocasião pelo jornalista Fernando Pacheco Jordão. Na semana passada, um acordo entre Montoro e o Conselho de Curadores da RTC garantia a eleição do jornalista para a coordenação de programação, mas, na última hora, os curadores voltaram atrás, vetando Pacheco Jordão. O protesto contra essa medida, conforme se decidiu na reunião do MIS na quarta à noite terá continuidade na próxima terça-feira, quando se fará uma manifestação diante da RTC.

O *Programa do Ratoão*, reedição/versão do *Esclarecimentos Sobre Tóxicos* (produção da TVE da USP, de 77) tem, conforme história Gabriel

Prioli, da Videoverso (que nasceu da TVdo), um currículo de censuras. As duas vezes em que se tentou incluí-lo no roteiro do *Vídeo Show* (novembro de 81, no Lira Paulistana, e agosto de 82, no SESC/Pompéia) foi cortado. Agora, a organização do Festival negocia sua liberação pelo menos para domingo quando já será um *hours-controvers*.

Do Festival, isto é, da mostra propriamente dita, foi o Oficina com seu *Caderneta de Campo*, suas bandeiras e máximas (*Ideia, moeda do futuro*, *Pro lá de Bagdá!*, etc) quem mais capitalizou. De Uzyna/Uzyna, está passando para *terreiro eletrônico*.

Debates e protesto no Festival de Vídeo

O segundo dia do I Festival de Vídeo Brasil, realizado no Museu da Imagem e do Som (MIS), somava a agressividade de implantação do sistema no mercado nacional com a recharacterização dos debates, parte do evento, no sentido de configurá-los também como protesto diante de medidas, tomadas pelo MEC, que visam federalizar as TVs educativas.

Como no dia da abertura, o Festival reunia muita gente na noite de terça-feira. Sua composição — um concurso de *tapes*, uma mostra paralela, a agressiva feira de quatro marcas envolvidas no negócio, além das *videoperformances* — disseminava interessados pelos corredores, pisos superiores e sala de projeção. Cineastas, artistas, responsáveis por setores de videotexto em empresas, estudantes e curiosos sem categorização definida locavam intermitentemente corredores e sala dos telões.

Enquanto nesta última aplaudia-se, por exemplo, o *tape* do discurso de Zé Celso no Festival de cinema de Gramado (*Fraja*, produzido pela Videoverso), no segundo andar alguns visitantes brincavam com *games* e Márcio Márcio de Lemos, editor do VTX (o, serviço de videotexto da Livraria Nobel) falava da velocidade que o sistema pega no Brasil.

Caraças de Jacarés

Três entidades públicas e cinco empresas montaram o festival, que vai até dia 14. Secretaria de Estado da Cultura, MIS e RTC; MAC (fabricante nacional de fitas de vídeo), Sharp, Polyvox e Sony. A conjunção reproduz o esquema de operacionalização do vídeo texto, lançado há seis meses; as empresas (36, até agora) utilizam-se do serviço, que é gerenciado pela Associação Nacional de Fornecedores de Videotexto-ANV, através da centralização, assumida pela Triesp.

O esquema era perceptível desde a entrada do MIS. Da porta, onde a contecia a tradicional oferta grátis de uma revista da Fotoptica, até a sala da mostra de *tapes* que participavam do concurso, ainda no térreo, passava-se por algumas produções da Videoverso, chamadas, por eles mesmos, de *videoperformances*. São seis, que associam sempre um objeto real à sua imagem no monitor. Assim, alguns pintalinhos dorminhocos, estendidos numa gaiola, tinham acima de si um *tape* contínuo de um frango sendo assado; a imagem de um gato atento, inquieto, submersa num aquário. Ou a sequência da morte de um rato branco, tendo ao lado uma ratoeira armada. Conforme Gabriel Priólli, as instalações homenageavam Nam June Paik, o ancestral da *videarte* (o primeiro trabalho desse gênero foi feito por Paik e Wolf Vostell em 59, na Alemanha Ocidental).

Na porta de uma das salas, ainda nesse percurso, uma câmara possibilitava o circuito fechado. Pais engraçavam crianças, davam *zums*. Na sala, conjuntos de vídeos, mostrando desde filmes até musicais e jogos, expunham as marcas fabricantes.

Mas a feira era mais evidente no segundo andar. Os *games* Atari, fabricados no Brasil pela Polyvox,

tinham sempre uma roda de candidatos à volta, desafiados diante do monopólio exercido por quem chegou mais cedo. No centro do salão, um outro estande, um quadrilátero de monitores alimentados por uma câmara que filmava, de cabeça para baixo, o que passasse à sua frente. Rastros de luz e manchas azulneon registravam uma ou outra intervenção de visitantes menos encolhidos.

Pouco depois das 20h, horário marcado para o início da mostra de *tapes* em concurso, os salões se esvaziaram, em parte. *Morte no Postumal*, um documentário produzido pela TV Bandeirantes, repleto de caraças de jacarés, foi o primeiro. Mas a sala dos dois telões não segurava por muito tempo a população flutuante, que se voltava para os jogos, horóscopo chinês e outras atrações do VTX da Nobel.

Assembléia de Repúdio

Seguiram-se *Na Falta de um Super-Plê Solta esse Coco-Cola*, de Sandra Conti, *Brasil, Paulo Z*, de Carlos A. Edbert e Gustavo Hadha, *Fla x Fla, Ai Jesus*, de Renato Ferreira e Oscar Maron, *Seqüência II*, de Dulce Quental, e *Fraja*, da Videoverso/TV do. Esse último foi aplaudido no trecho em que Zé Celso, do Oficina, fazia um discurso criticando o *ilho* do Festival de Cinema de Gramado.

No segundo andar, enquanto isso, Márcio Márcio de Lemos, editor do videotexto da Nobel, que expunha o seu *Art On Line*, dava informações aos interessados. Entrevistado, ele falou da velocidade do sistema no Brasil; enquanto, por exemplo, na França, o *Télétext* (uma das quatro tecnologias atualmente disponíveis no mundo) instalou perto de 500 terminais em alguns anos de existência, aqui, em seis meses já estão alugados 1.200. A estratégia para esse avanço, além de apoiar-se num *pool* de empresas, baseou-se na distribuição cuidadosa desses terminais, priorizando-os para membros das classes A e B, eventualmente destinados aos da C alta, desde que influenciadores em seu meio.

Fim da rodada dos *tapes* em concurso iniciou-se a mostra paralela, com *Vendo um os pés no chão*, de José Joffily, e *Glauber, Paulo, Kid*, de Paula Coetane. Enquanto Glauber falava em francês, inglês e algaraviam, um mês antes de sua morte, simultaneamente orientando seu filho para que enfatizasse, para a câmara, um abajur aceso, do lado de fora da sala o diretor do MIS, Ivan Negro Izoia, prometia a transformação dos debates de ontem (*Memória de TV*) numa assembléia de repúdio a recentes medidas do MEC.

"Amanhã (ontem) acontecerá uma assembléia aqui, seguindo-se na terça um manifestação contra a atitude do Coelho Curador (da RTC) que vetou o nome de Pacheco Jordão para o cargo de coordenador de programação da emissora. Essa atitude está ligada à tentativa de tirar da alçada do Estado a RTC, subordinando-a ao governo federal. Como o MIS não se preocupa apenas com linguagem, nós denunciamos o autoritarismo dessa medida do MEC", finalizou. (NB)



Videoperformances estão ao encontro que se encerra dia 14

Mostra Nacional do Vídeo começa amanhã

Começa nesta segunda no Centro de Convivência da UFSC a Mostra Nacional de Vídeo, que traz a Florianópolis os vencedores do Festival Vídeo Brasil, realizado na primeira quinzena de agosto em São Paulo, além de produções independentes dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. A promoção é da Sinal Vídeo Produções, de Santa Catarina, e da Olhar Eletrônico, empresa paulista.

Serão quatro exibições diárias, às 12h30m, 14 horas, 18h30m e 20 horas, até dia 16. Ao todo serão exibidos 18 vídeos inéditos, totalizando mais de oito horas de exibição em primeira mão. Esta mostra já foi realizada em São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, mas os filmes ainda não haviam sido premiados. Os ingressos estão sendo vendidos no DCE da UFSC; na Foco Agência Fotográfica, à Rua Trajano, 49, altos; na loja Waimea, também na Trajano, 47; e na loja Brunett Discos, à Rua Tenente Silveira, 31. Também estarão sendo vendidos ingressos no local,

antes das sessões. Os ingressos custam Cr\$ 500 e para estudantes saem por Cr\$ 200. Tudo o que não se vê na televisão estará lá.

Nesta segunda-feira os filmes apresentados serão: "Garos do Subúrbio", 2º lugar no Festival Vídeo Brasil e que representará o Brasil na Espanha. Produção da Olhar Eletrônico abordando o movimento punk de São Paulo e mostrando suas contradições e aspirações no plano social; "Malditas Calmarias", produção da Gira Filmes, que registra o encontro do povo com o cinema na cidade Troncoso, no interior da Bahia, a chegada da energia elétrica e a expectativa da televisão, e "A Dama do Pacaembu", 5º lugar no Festival Vídeo Brasil. Produção de Rita Moreira e Luiza Leal com depoimentos e relato sociológico de Maria Benedita, uma mulher do povo que faz um retrato do Brasil.

A sessão das 20 horas, nesta segunda-feira, será exclusivamente destinada a representantes da imprensa.

A Tribuna. Santos, 1º de setembro de 1983.

Em cartaz, o vídeo que venceu no MIS

O primeiro colocado no Festival de Vídeo Brasil, realizado em agosto, no MIS, São Paulo, é exibido hoje, a partir das 22h30, no Reciclagem Bar. Quem traz o vídeo é Davilson Brasileiro, que no mesmo programa exibe outros vídeos, todos da produtora Olhar Eletrônico. *Marly Normal* é o vídeo vencedor do festival, e foi feito por Fernando Meirelles e Marcelo Machado.

Focaliza o dia-a-dia de uma escriturária, na rua, no Metrô, no escritório e diante da TV, de noite. Segundo Davilson,

tem uma leitura fácil, um ritmo preciso, alcançando a perfeição da linguagem de vídeo. Ainda no programa estão *Os Tempos, Brasília* (8º lugar no festival), *A Morte* (entrevistas de rua com as pessoas sobre o que acham da vida após a morte), *Eletroagentes* (uma visão poética de Itaipu, feita com a colaboração de Alfredo Nagib, o Fritz), e *S.A.M. - Sociedade Amantes do Maru* (Um papo sobre átomos e sobre a vida).

Heavy Metal

O Heavy Metal promove hoje, a partir das

21h30, a exibição do vídeo *Fernando Bujones in Coppelia*, seguida da apresentação do grupo de balé do Centro Espanhol. Trata-se da primeira programação da série *O Ballet em Santos e no Mundo*, que terá participações de grupos de ballet de Santos, além da exibição de vídeos sobre grandes bailarinos. Estas promoções serão realizadas todas as quintas-feiras. Maiores informações podem ser conseguidas pelo telefone 4-9630.

Vídeo vai ter competição e cadastramento

SÃO PAULO (Sucursal) — Pela primeira vez no País, um evento reunirá a níveis de competição e cadastramento toda a produção brasileira de vídeo. Isso acontecerá no 1º Festival de Vídeo Brasil, que a Fotóptica e a Secretaria de Cultura do Estado, através do Museu da Imagem e do Som, promoverão de 8 a 14 de agosto, no MIS, Av. Europa, 158.

Além da competição de tapes, exibição de produções significativas realizadas em vídeo-cassete e de uma feira de equipamentos e acessórios específicos para a área, o Vídeo Brasil promoverá a reunião daqueles que se dedicam a este tipo de manifestação artística, para discussão de problemas e temas de interesse relativos a seu campo de atuação.

Legislação, relação cinema e TV, perspectivas futuras para o vídeo e registro da memória da TV no Brasil, são alguns dos temas básicos a serem discutidos neste encontro. Diversos grupos serão convidados para realizarem produções que serão transmitidas ao mesmo tempo em que forem sendo feitas, por um painel de aparelhos de TV montado no salão de vídeo.

INSCRIÇÕES

Produtores que trabalhem com tapes, interessados em participar do 1º Festival de Vídeo Brasil, podem se inscrever até 5 de julho, na Galeria Fotóptica, Rua Bela Cintra, 1.465, tel. 852.2609. Nas fitas devem constar o título da produção, nome do autor, duração, bitola, sistema e padrão de gravação (PAL-M/NTSC). Poderão participar somente produções realizadas originalmente em videotape VHS, U-Matic ou Betamax, com duração máxima de 60 minutos.

Os trabalhos deverão ser inscritos em quatro categorias, segundo sua temática: documentário/reportagem, ficção, musical e livre para todas as experimentações ligadas a vídeo, vídeo experimental, vídeo arte, etc. Os tapes vencedores serão copiados e passarão a fazer parte do acervo do Museu da Imagem e do Som. A relação de prêmios e os componentes da comissão julgadora serão anunciados no dia 30 de junho.

TV MÃO DUPLA

Outra experiência interessante será desenvolvida dentro do 1º Festival de Vídeo Brasil: durante a realização dos debates, será testado o sistema de televisão mão dupla, permitindo aos frequentadores do festival participarem das discussões, usando o circuito interno de recepção e de transmissão que será instalado no MIS.

O Museu da Imagem e do Som e os organizadores do Vídeo Brasil pretendem ainda elaborar um catálogo, a partir desta promoção, que contenha um mapeamento geral de tudo o que se refere a vídeo no País, atualizável anualmente após a realização de cada festival.

NOVA ONDA NA PAULICÉIA

A mania do vídeo parece ter tomado conta de São Paulo com a realização, no mesmo mês, de dois festivais — o I Festival de Vídeo Brasil, que se realizou de 8 a 14 de agosto no Museu de Imagem e do Som (MIS), com a presença de aproximadamente cinco mil pessoas e o I Festival Nacional de Vídeo, que entre quarta e sábado dessa semana espera reunir outros tantos milhares de videomaníacos.

O I Vídeo Brasil teve o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura, Fotóptica e Rádio e TV Cultura e o I Festival Nacional de Vídeo terá como patrocinadores a Philco, o Museu de Arte Contemporânea, da Universidade de São Paulo (USP), o Vídeo-Ação Super-8 e o SESC.

O I Festival Vídeo Brasil foi um sucesso: o público por uma semana utilizou-se de todos os meios — videojogos, videopoesia, produções performáticas as mais variadas, com 90 tapes inscritos para premiação. Entre suas programações paralelas, houve mesas-redondas sobre Técnica de Linguagem, com coordenação de Ethevaldo Siqueira e a presença de gente famosa como Walter Avancini (Globo), Guga (Globo-tec), o cineasta Gustavo Dahl e novelista Walter Hugo Durst. O vídeo como "memória" foi debatido por Helena Silveira, crítica de TV da *Folha de São Paulo*, Fernando Jorão, da RTC e Nazaré Albino, da TV Manchete, com coordenação de Ivan Isola, diretor do MIS.

Entre as atrações mais populares, um horóscopo chinês, muito visitado, e uma tentativa de reproduzir obras de arte pelo receptor. Muitas brincadeiras e muito humor. Em cima de uma geladeira, um vídeo-texto de TV mostrava exatamente um pinguim. E algumas surpresas, como uma galinha rodeada de pintinhos e alguns ovos, ao vivo, ao lado de um receptor, onde se via um frango sendo assado.

O 1º Festival Nacional de Vídeo será realizado no Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC), com a apresentação de um programa completo de tapes, no Sesc da Rua Dr Vila Nova — e no Vídeo-Ação Super 8. No domingo, dia 28, haverá a apresentação de vídeos fora de concurso, em sessão especial no Teatro Anchieta, à noite. O resultado das premiações será conhecido no dia 31 de agosto, às 20h, também no Teatro Anchieta. A entrada será gratuita.

O objetivo, segundo seus patrocinadores, é "revelar os novos realizadores de vídeo e divulgar suas produções junto ao público, daí os diversos horários em três pontos distintos da cidade", conforme afirmou Abrão Berman, um dos diretores do Festival. O mesmo diretor observa que "o vídeo até o momento esteve restrito a exibições fechadas e sem acesso à maior parte do público. Precisamos mostrar as coisas boas que estão acontecendo por aí".

Para Antônio Carlos Sarti, chefe do Setor de Cultura do Sesc — Vila Nova, a "realização do Festival significará um importante avanço para o Brasil, no sentido de difundir as amplas possibilidades do videocassete como novo veículo de comunicação. O que se vê, muitas vezes, é um equipamento riquíssimo usado de maneira pobre". Os participantes são dos Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Brasília e Rio de Janeiro. (Alberto Beuttenmuller, de São Paulo)

Festival no MIS aponta novos caminhos para o vídeo no País

A sem gosto marcou paulo através do vídeo. O Museu da Imagem e do Som (MIS) teve os dois primeiros de seus três pavimentos completamente ocupados por exposições, exibições e lançamentos. Não faltou nada para transformar o 1º Festival de Vídeo Brasil em uma verdadeira feira de vídeo, a primeira do gênero no País.

Para falar nas proporções deste festival, vale começar pelo número de programas que se inscreveram para concorrer aos prêmios: nada menos que 80 fitas em VHS, 1-Matic ou Betamax. A mostra contou com 36 programas, sem mencionar os exibidos na mostra paralela, não competitiva.

No primeiro andar do MIS eram feitas as exibições das fitas e algumas exposições. O segundo andar foi inteiramente ocupado por equipamentos em verdadeira feira que teve até videogames e textos. As marcas Sony, Polivox e Sharp estavam presentes na feira e a última lançou sua câmara.

ABERTURA

Partindo da Avenida Paulista, um estranho ser, montado em um cavalo, se dirigiu ao Museu da Imagem e do Som. Era o "Cavaleiro do Apocalipse", trabalho de Otávio Donasci que abriu o Festival no



O "Cavaleiro do Apocalipse" abre o Festival no MIS

fim da tarde do dia 8. Retratando o desespero da situação mundial e brasileira, o "Cavaleiro do Apocalipse" é, segundo o autor, o sinal do fim dos tempos.

Como este, outros trabalhos foram apresentados fora da mostra, dentro da categoria videoarte. A produtora Vídeo Verso instalou seis videosssets para mostrar a televisão como elemento integrado na vida das pessoas. Assim, andando pela exposição, podia-se ver uma TV com a imagem de uma fogueira apoiada sobre um monte de lenha ou a figura de um pingüim, no monitor, em cima de um freezer.

CIRCUITO PARALELO

Além das exposições e exibi-

ções, a semana contou com três mesas-redondas que debateram diversos aspectos da nova atividade. A discussão sobre legislação para o vídeo, que poderia ter sido acalorada, esfriou. A explicação dada foi a de que um dos participantes principais, o representante da Embrafilme, não pôde comparecer.

O Festival, porém, realizou-se sem maiores problemas e se transformou em boa oportunidade para se discutirem assuntos como a criação de circuito alternativo.

Acontece que ninguém produz para guardar na gaveta. Quem produz alguma coisa quer exibir e o retorno de seu trabalho, sem falar na necessidade de vender o produto. Este é, atualmente, um dos

grandes problemas da produção nacional de vídeo: a falta de mercado. Por isso surgiu a proposta de começar a montar um circuito alternativo de pequenas salas de vídeo.

VENCEDORES

Promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, Museu da Imagem e do Som e pela Sharp, o 1º Festival de Vídeo Brasil entregou troféus aos dez primeiros colocados e distribuiu três prêmios: o grande prêmio do júri: uma viagem à Alemanha Ocidental para representar o Brasil no festival de Berlim e o prêmio de comercialização pela MAC (fabricante de fitas).

O grande prêmio do júri ficou com José Celso Martinez Corrêa, pelo vídeo "Caderneta de Campo". A produtora Olhar Eletrônico recebeu a viagem à Alemanha e o primeiro lugar com "Marly Normal" e ganhou os segundo e décimo lugares com "Garotos do Subúrbio" e "Brasília", respectivamente.

Terminado o Festival, vale lembrar as palavras de Ivan Negro Isola, Diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, com as quais abriu o programa: "Vídeo Brasil é vídeo novo, é uma iniciativa que se repetirá todos os anos para que se pense sobre as questões que condicionam o fazer TV no Brasil."

1º Festival do Vídeo reunirá memória da TV

SÃO PAULO (O GLOBO) — Reunir toda a produção brasileira de vídeo. Desde as superproduções feitas pelas principais redes de televisão do País, até aqueles trabalhos quase caseiros que são apresentados num circuito reduzido. E esse o objetivo do 1º Festival do Vídeo, cuja realização foi anunciada ontem pelo Diretor do Museu da Imagem e do Som (MIS), Ivan Negro Isola, de 8 a 14 de agosto, nas dependências do Museu, numa promoção conjunta deste com a Secretaria da Cultura e a empresa Fotoptica.

— Não vamos fazer o festival para competir com outros eventos semelhantes — afirmou Isola. — E para somar. Queremos fazer um grande levantamento do universo da produção do vídeo no Brasil e, no encontro dos produtores, facilitar o contato entre todos, para que haja um aprimoramento dessa atividade.

O festival terá ainda a finalidade de "recuperar a memória da TV Brasileira", segundo acrescentou o Diretor do MIS, lembrando em seguida que grande parte da produção da extinta TV Tupi, enquanto se discute a massa falida da emissora, está se deteriorando com o tempo.

— Esperamos que saiam do festival subsídios para a criação de uma legislação para o setor, que evitem casos semelhantes ao da Tupi — disse Isola. — Para participar do festival, basta ser um produtor. A organização não está interessada em fazer um levantamento excludente do tipo qualitativo ou quantitativo. Exige-se do interessado que seu produto tenha, no máximo, 80 minutos de duração; seja feito originalmente em vídeo (não pode ser filme transcrito); possa ser apresentado pelo sistema VHS e Betamax (ou Matic). O tema é livre e os trabalhos serão classificados em documentário e reportagem, ficção e musical.

Os teipes vencedores serão copiados e passarão a fazer parte do acervo do MIS. A relação dos prêmios e os componentes do júri serão anunciados no dia 30 de junho. As inscrições, que podem ser feitas em São Paulo na Galeria Fotoptica (Rua Bela Cintra 1465, telefone 852-2609) a partir de hoje, estarão abertas até 5 de julho. Nos trabalhos, devem constar o título da produção, nome do autor, duração, bitola, sistema e padrão de gravação.